

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UFG

ETHELINÉ CHAVES RIBEIRO SILVA

Sergio.efisica@gmail.com

**A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM
OLHAR PANORÂMICO NO MUNICÍPIO DE ALEXÂNIA - GO.**

Alexânia – GO

2013

Etheline Chaves Ribeiro Silva

**A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM
OLHAR PANORÂMICO NO MUNICÍPIO DE ALEXÂNIA - GO.**

Monografia apresentada à faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás com requisito para finalização do curso de Licenciatura em Educação Física. Orientador Prof. Ms. Sérgio de Almeida Moura.

ALEXÂNIA - GO

2013

ETHELINÉ CHAVES RIBEIRO SILVA

**A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM
OLHAR PANORÂMICO NO MUNICÍPIO DE ALEXÂNIA - GO.**

BANCA EXAMINADORA

Alessandra Matos Terra

Goiânia, 22 de Março de 2014.

Prof. Dr. Ms. Sérgio de Almeida Moura

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que de uma forma específica e especial me ajudaram durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo, seja dando força ou mesmo na sua compreensão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por ter me dado força, fé, esperança, sabedoria, discernimento e saúde durante meus estudos e na conclusão deste. Pois, acredito fielmente que foi ELE nos momentos mais difíceis, nos problemas pessoais que acabavam por me atingir, no desânimo, na tristeza, no desespero esteve ao meu lado, me ajudando e me dizendo o tempo todo não desista filha estou contigo. Insistentemente me mostrou o caminho a ser seguido e esteve presente o tempo todo, onde conseguir chegar até aqui.

Agradeço aos meus pais, que amo tanto e, que sempre esteve ao meu lado acreditando na minha capacidade de chegar aqui e, sobretudo esteve ao meu lado quando eu precisei e por ter me proporcionado tudo que tenho alcançado e tenho.

Agradeço a minha vó Cinzelina e a minha tia Rosana que foi o ponta pé inicial para ter começado e ter chegado ao fim deste curso, onde me ajudaram e contribuíram neste percurso.

Não poderia deixar de agradecer ao meu amado namorado Wagner, que esteve o tempo todo me ajudando, me dando força, me buscando ou mesmo me levando aos encontros presenciais em Alexânia, teve paciência comigo quando estava estressada quando estava atolada por trabalhos e mesmo quando não tinha tempo para está com ele. Obrigada minha vida!

Agradeço ao meu orientador prof. MS. Sérgio de Almeida Moura, por ter aceitado me orientar e ter me dado tantas dicas.

Agradeço aos professores e as escolas que me receberam com tanto carinho nesta pesquisa, por ter me passado as informações necessárias para a execução deste.

Achou que não ia agradecer a você Liliana? Não poderia deixar de agradecer você, que foi tão especial durante todo o processo deste curso como nossa tutora do curso de Licenciatura em Educação Física, que nos ajudou, puxou orelha, se dedicou plenamente a nos servi. E posso dizer que você ficará para sempre no meu coração e acredito mais ainda que toda a turma sente imenso carinho por te. Obrigada por tudo!

Agradeço aos meus amigos de turma, que passaram estes 4 anos juntos um ajudando o outro e, que juntos chegamos aqui. E que fica uma amizade sincera e

muita saudade deixará de todos os momentos que estivemos juntos, foram momentos de intensos e bastante alegre.

Agradeço a UFG, por ter proporcionado a nos este curso a distância, que contribuiu tanto para o meu crescimento intelectual e profissional.

Enfim, muito obrigada a todos vocês que este presente nesta jornada de estudo, e que proporcionou neste percurso momentos que viabilizou o meu progresso. Obrigada!

“O bom profissional é aquele que nunca acha que o que conquistou é o bastante, que sempre quer algo mais que está disposto a sacrifícios individuais em nome de um objetivo coletivo. E o bom líder é aquele que consegue inculcar esse questionamento em seus colaboradores.”

Bernadinho

RESUMO

O estudo foi dirigido como forma de investigar o trabalho pedagógico dos professores de Educação Física nas redes municipais e estaduais de Alexânia – GO, como finalidade de contribuição na formação continuada dos professores que rege o ensino na cidade e, na qualidade do ensino. Para que este seja possível, será desencadeado um discurso a cerca da educação física dentro do Projeto Político Pedagógico, do planejamento e da prática pedagógica do professor, destacando alguns pontos importantes que norteia o trabalho pedagógico, e que é alvo de fatores que fragiliza o desencadear de uma educação sistemática e de qualidade na disciplina de educação física escolar, mesmo sendo, existente nas práticas dos docentes, esta não é desenvolvida a luz de uma proposta qualificada. A pesquisa é fruto de um estudo de caso e que obtém resultados similares, na coleta de dados de entrevistas estruturadas, com observações e análise do Projeto Político Pedagógico das instituições de ensino.

Palavra chave: educação física escolar; trabalho pedagógico, docência.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I.....	12
HISTÓRIA E PROGRESSO: EM BUSCA DA EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	12
1.1. EDUCAÇÃO FÍSICA	12
2.1. EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL.....	16
3.1. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	21
CAPÍTULO II.....	25
DOCENCIA E ENSINO: UMA BUSCA CONSTANTE PELA QUALIFICAÇÃO NO PROCESSO DO ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.....	25
2.1. PROJETO POLÍTICO – PEDAGÓGICO	25
2.2. PRÁTICA PEDAGÓGICA	27
2.3. CURRÍCULO.....	30
2.4. FORMAÇÕES CONTINUADA	36
CAPÍTULO III.....	40
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: TEORIA PEDAGÓGICA E PLANEJAMENTO .	40
3.1. TEORIAS PEDAGÓGICAS.....	40
3.2. PLANEJAMENTO	42
CAPÍTULO IV	45
EDUCAÇÃO FÍSICA: UM OLHAR AMPLIADO NAS ESCOLAS DE ALEXÂNIA- GO.....	45
4.1. CARACTERÍSTICAS DOS SUJEITOS	46
4.2. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA.....	47
CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
ANEXO 1	64

INTRODUÇÃO

Ao longo do percurso do curso de graduação de Licenciatura em Educação Física, pude observar nesta caminhada que muitas críticas ocorreram e vem ocorrendo até hoje à disciplina de Educação Física, crítica estas, muito constante de se ouvir é que Educação Física é só brincadeira, sendo está uma maneira de se diverte e que não tem conhecimentos a acrescentar aos saberes dos alunos, assim sendo, tive grande interesse de buscar conhecer a realidade de como vem funcionando as aulas de educação física e, como os professores vêm se organizando e fundamentando suas aulas, podendo saber o que vem ocorrendo para que estas críticas ainda sejam feitas e, que desvalorizam a Educação Física.

Neste viés, o estudo busca contribuir para o crescimento e desenvolvimento da acadêmica e, dos demais acadêmicos e profissionais da Educação Física, onde poderão perceber através deste o que pode ser feito para que ocorra uma grande evolução em suas aulas, pensar a organização do trabalho pedagógico de forma ampla e sistemática. Este trabalho tem o propósito de expandir e levar aos professores de Educação Física das escolas públicas dos municípios goianos um pouco dos conhecimentos adquiridos, através de palestras, seminários, etc. Podendo assim, deixar a contribuição na sociedade como futura professora e, mais ter o conhecimento necessário para trabalhar na rede educacional e conseguir superar a cada dia os problemas que afeta a escola.

Contudo, o trabalho é fruto de um longo processo de estudo e investigação a cerca do campo educacional, mais especificamente da Educação Física e, é de caráter qualitativo, tem como objetivo o resultado de um estudo de caso da organização do trabalho pedagógico em Educação Física, as escolas municipais e estaduais de Alexânia – GO, onde buscou – se identificar e compreender o planejamento do professor de educação física e o que ele ensina em suas aulas de educação física em escolas municipais e estaduais de Alexânia.

Para tanto foram utilizados artigos científicos, livros e, algumas pesquisas literais da internet, sendo todos estes materiais diretamente ligados a Educação e Educação Física. Para que através deste pudesse ter um conhecimento ampliado do

conteúdo que regeu esta pesquisa, conseqüentemente os saberes que orientou todo percurso nas instituições, onde ocorreu observações das aulas, contato com o Projeto Político Pedagógico e entrevistas semi – estruturadas.

Tendo em vista estudos que leve em conta a organização do trabalho pedagógico em Educação Física e seus determinantes a cerca deste processo. Observando as contradições, limites e possibilidades de um ensino de qualidade que fundamente todo este percurso.

É compreendido que para os fins de uma organização do trabalho pedagógico o caminho é sistemático e demanda um grau elevado de intencionalidade a cerca do profissional docente, onde necessita de uma busca constante por determinados quesitos. Sendo estes direcionados e desenvolvidos a cerca dos estudados ao longo dos capítulos deste estudo.

Sendo assim, o cap. I definirá a educação física de diferentes contextos e autores; também nos falará da educação física no Brasil e da sua importância diante dos determinantes sociais, políticos, econômicos, bem como o corpo e sua cultura e, a educação física no âmbito escolar, nos explicitará o que vem a ser esta e quais seus determinantes diante deste contexto que tem sua marca social, política e cultural.

Já no cap. II, entraremos na docência e seus determinantes, questões a cerca do papel docente, que complementam e fundamentam o processo de desenvolvimento do trabalho do professor, dando base e ampliando o ensino e aprendizagem. Sendo o professor, o principal autor nesse processo, tendo em vista uma postura crítica e reflexiva a cerca da organização do trabalho pedagógico que o professor deve possuir.

No cap. III, são encontradas abordagens teóricas e metodológicas, na busca de desenvolver o processo de ensino e aprendizagem fundamentando numa determinada especificação e, que sustende suas aulas e dar um direcionamento.

O cap. IV, vem através deste expor os resultados da análise comparativa e das entrevistas, relatando os resultados da pesquisa.

CAPÍTULO I

HISTÓRIA E PROGRESSO: EM BUSCA DA EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

1.1. EDUCAÇÃO FÍSICA

Ao falar de Educação Física, vem logo em mente um vasto campo que a cerca, onde sempre ou quase sempre está ligada à cultura corporal, e que muitas vezes não se sabe o quanto ela contribui na formação ampla do sujeito, no seu caráter social, cultural, intelectual e político. Desta forma é visto nas literaturas distintos autores que definem de diferentes formas a educação física. Segundo Junior (2008, APUD RODRIGUES E D' FREITAS, 2013), John Locke, em 1693, utilizou o termo Educação Física para diferencia-la da educação intelectual. Onde é vista a educação corporal, nada mais do que isso, sendo que este tem a visão de atividades para benefício corporal.

Para Marinho (1994), a Educação Física é considerada uma cultura do físico, fazendo parte da medicina e tornando-se criadora de diversas tendências de técnicas esportivas que estão ligadas diretamente a várias ideologias. Pode-se dizer que a ginástica, o jogo, a dança, o esporte fazem parte dos elementos que compõe o objetivo proposto pelo estudo e a prática da Educação Física.

Segundo Barbanti (2008), quando falamos em Educação Física, fazemos referência a um amplo campo de ações, onde o objetivo comum é o “movimento humano”. O autor diz que a Educação Física procura relacionar o movimento humano com as diversas áreas da educação, fazendo assim uma relação entre o físico e o mental.

Essa preocupação pelo desenvolvimento físico com outras áreas do crescimento e desenvolvimento humano contribui para uma esfera de ação única da Educação Física, pois nenhuma outra área trata do desenvolvimento total do homem, com exceção da Educação no seu senso mais geral possível. A história mostra que as verdades e crenças, dentro de uma dada sociedade, em relação ao homem e seu corpo resultaram em conceitos bastante diferentes e programas que hoje chamamos de Educação Física. (2009, pg. 01)

Compreende – se a educação física como uma rica e vasta disciplina que há muitos anos vem sendo desenvolvida em cada sociedade com seus próprios traços, e que traz grande conhecimento do conteúdo específico e, ensino educacional em distintas áreas como social, política, intelectual, cultural, entre outras.

Nixon e Jewett (2008, APUD BARBANTI 2013, pg. 03), definiram a Educação Física como:

[...] a fase do processo total da educação que se interessa com o desenvolvimento e utilização do potencial do movimento do indivíduo e respostas relacionadas, e com as modificações do comportamento estável no indivíduo como resultado daquelas respostas.

No sentido mais amplo, pode – se dizer grosso modo que a educação física desenvolve a aprendizagem específica do seu conteúdo de ensino e que tal, modifica a estrutura mais abrangente através do aprendizado, dando maior sentido no seu processo.

Baley e Field (2008, APUD BARBANTI, 2013) definiram a Educação Física como um conjunto de atividades nas quais as pessoas procuram atingir objetivos relacionados à “estética” e, atividades que não exigem muito “esforço físico”, são de caráter recreativo ou que proporcionam benefícios a quem a prática, porém não é considerada Educação Física propriamente dita, pois para os autores Educação Física requer atividades que tenham maior esforço físico, “Educação Física é um processo através do qual aprendizagens e adaptações - orgânica, neuromuscular, intelectual, social, cultural, emocional e estética – resultam e procedem através de atividades físicas selecionadas e suficientemente vigorosas” (2008, pg.03) .

A Educação Física é determinada culturalmente pelo o que o homem pensa de seu corpo, de como o homem pensa de si mesmo em relação ao seu corpo, e de como corpo deve ser treinado, exercitado, disciplinado, desenvolvido, educado. Isto é verdade tanto em sociedades onde existe a crença que o “eu” e o corpo são separados como naqueles onde há a aceitação científica de que o homem é um organismo unificado que move, pensa, sente – se, expressa, etc.

Para D’ Moura e Fachetti (2007, pg. 13 A 14), Educação Física é:

O conjunto das atividades físicas e desportivas, [...], o corpo de conhecimento, entendido como o conjunto de conceitos, teorias e procedimentos empregados para elucidar problemas teóricos e práticos, relacionados a esfera profissional e ao empreendimento científico, na área das atividades físicas, desportivas e similares.

Um olhar direcionado a atividade física, tendo maior contato com a educação física especificamente para o estudo amplo em todo o contexto da área, buscando ter maior clareza e qualidade tanto da teoria como da prática, abrangendo não somente o fazer, mas, como fazer e para que fazer. Williams (2008, APUD BARBANTI, 2013, pg.02), escreveu a seguinte definição para a Educação Física:

Quando a mente e o corpo eram considerados duas entidades separadas, a educação física era obviamente uma educação do físico... com o novo entendimento da natureza do organismo humano, na qual a totalidade do indivíduo é o fato proeminente, a educação física tornou-se educação ATRAVÉS do físico. Com essa visão operativa, a educação física tem interesse por respostas emocionais, relacionamentos pessoais, comportamento grupal, aprendizagem mental e outras consequências intelectuais, sociais, emocionais e estéticas.

Educação Física encontra um caminho mais amplo, deixando de ser a educação apenas do físico, agora vista como uma área do conhecimento que trabalha o seu saber envolvendo todo o processo da vida do indivíduo. De modo que os meios sejam um facilitador para obtenção das finalidades, tanto individuais como de conjunto.

Para Barrow (2008, APUD BARBANTI, 2013, pg. 02), a Educação Física era uma maneira de se aprender brincando, através de atividades com músicas e atividades recreativas, onde os objetivos podem ser alcançados gradualmente. O resultado dessa educação é uma pessoa “educada fisicamente”, porém seu resultado só é válido “quando é relacionado com a totalidade da vida de um indivíduo”.

Educação Física é uma disciplina da educação que trabalha o intelecto como as demais, porém abrangendo o viver em sociedade de um modo mais agradável e, sobretudo, sem sair do foco de ensino.

Felshin (2008, APUD BARBANTI, 2013, pg. 02) entende a educação física como o estudo do movimento do corpo no sentido mais aprofundado do seu

processo, sendo ele em atividades de maior complexo, na realização de atividades esportivas:

O seu corpo de conhecimento (conteúdo) era baseado no movimento humano, mas não em todos os movimentos. O foco era sobre as atividades e esforços musculares grandes, compactos. A proeza física é a razão fundamental da Educação Física e ela não devia se preocupar com o movimento humano no trabalho, mas sim primariamente com o movimento no esporte, brincadeiras, jogos e como funcionamento básico do corpo humano (2008, pg. 02).

Com uma definição voltada para o lado educacional, Nixon e Jewett (2008, APUD BARBANTI, 2013, pg.03), definiram a Educação Física como:

[...] a fase do processo total da educação que se interessa com o desenvolvimento e utilização do potencial do movimento do indivíduo e respostas relacionadas, e com as modificações do comportamento estável no indivíduo como resultado daquelas respostas.

O Coletivo de Autores (1991, pg.50) define a Educação Física como:

Uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal.

Sendo assim, a Educação Física é elemento cultural, com uma diversidade de objetivos e funções, como modo de expressar - se "individual e coletivamente". Da mesma maneira que ela pode transmitir cultura para um determinado grupo de pessoas, ela pode também modificá-la e transformá-la. Mesmo envolvendo princípios da medicina, um professor de Educação Física não é habilitado e nem tem o objetivo de curar doenças, mas de atender as necessidades sociais que são determinadas durante todo o processo da vida do indivíduo.

Educação Física é uma disciplina que não só educa o corpo como também a mente, no seu sentido mais aprofundado, busca meios de desenvolver um trabalho abrangente (social, político, econômico, cultural), voltados para as questões que envolvem a sociedade, tem suas especificidades de acordo com cada cultura. Não perdendo sua essência, pois ela tem um grande benefício de desenvolver seus conteúdos envolvendo questões proeminentes a sua volta,

podendo assim, trabalhar além da cultura corporal as questões de violência, discriminação, racismo, etc. Podendo observar, que ao longo do texto os autores citam diferentes definições de acordo com suas raízes, de modo que a Educação Física é entendida na sociedade a partir de necessidades específicas de acordo com cada época e região.

2.1. EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

A História da Educação Física no Brasil tem em comum à História do Brasil, destacando à época do Império e aos momentos iniciais do Período Republicano, com destaque na história das instituições militares, que tiveram grandes contribuições na história da Educação Física mais especificamente no Brasil, de acordo com Filho (1994, APUD MARINHO, 2013, pg. 50):

As atividades físicas dos primeiros habitantes do Brasil eram semelhantes, senão iguais, às aquelas já analisadas na pré-história. Nossos indígenas ainda não conheciam os metais, estando ainda na idade da pedra lascada. Eram muito hábeis e, na luta pela sobrevivência, praticavam diversas atividades físicas.

Para sobrevivência, necessitavam pescar, correr, saltar, lutar, nadar, etc. Como meios de obter o alimento, bem como de escapar do predador, então utilizavam o corpo como meio de sobrevivência, era o único meio de conquistá-los.

Acreditavam que “a primeira prática esportiva introduzida no Brasil, foi o remo”, por volta de 1566. Muitos autores defendiam que os indígenas não contribuíram em nada no surgimento da educação física no Brasil, já que não tinham tempo livre para a prática de tais atividades. Sendo a peteca à única herança deixada pelos indígenas. Com a chegada dos negros ao Brasil, no século XVI, a dança misturada com rituais de luta, conhecida como capoeira, passa a fazer parte do universo esportivo do país (MARINHO, 1994, pg. 50).

Pereira (2006) cita os negros africanos, trazidos para o Brasil para serem escravos, como os criadores da capoeira, presente até hoje na história da Educação Física.

[...] as fugas para os Quilombos os obrigaram a lutar sem armas contra os capitães-do-mato, homens a mando dos senhores de engenho que entravam mato adentro para recapturar os escravos. Nestes embates, instintivamente, os escravos descobriram ser o próprio corpo uma arma poderosa e o elemento surpresa durante a luta. (2006, pg.25).

A Capoeira tem fortes traços da cultura dos escravos (africanos), já que foi desenvolvida pelos escravos ao longo do período em que se encontravam mantidos presos pelos grandes proprietários de fazendas (em troca de alimento e trabalho), onde foi criada com base nos animais, nas brigas realizadas entre eles nas noites em suas estadias. O nome surgiu do mato, que era o local utilizado pelos escravos para treinarem os golpes da capoeira.

Quando se fala do Período de Brasil Colônia, Marinho (1994, pg.50 à 51) diz que:

A situação de “colônia de exploração” impede um desenvolvimento social satisfatório. À economia era destinada a única função de fornecer matéria-prima para a metrópole. À cultura não era permitida a impressão de qualquer material gráfico. O marquês de Pombal, secretário do Estado português, destruiu, em 1747, a primeira gráfica que se tentou instalar.

No ano de 1549, os jesuítas chegaram ao Brasil, iniciando assim, a história da nossa educação, após serem expulsos por Pombal, em 1759, deixando para o país como herança, mais ou mesmo, vinte colégios e seminários. Onde iniciou a catequização dos índios, que era tida como uma maneira de educação, onde o objetivo era fazer com que eles se tornassem católicos e, mudassem seus “hábitos culturais”. O período da manhã era voltado para a educação intelectual e, o período da tarde, para “exercícios físicos”, para que eles pudessem liberar o estresse causado pelas cobranças que lhes eram feitas ao longo do dia (MARINHO, 1994).

Nos seminários, os jesuítas tinham a função de formar os seus seguidores. O ensino nos colégios era destinado à classe dominante (latifundiários e representantes da Coroa). Sendo que os assuntos tratados não respondiam às necessidades locais, onde as aulas ministradas eram latim e grego. Era uma cultura alienada e alienante, reproduzindo unicamente os interesses colonizadores da Corte.

Ainda em relação aos jesuítas e a sua contribuição para a educação no Brasil, Marinho (1994), relata que nos 210 anos em que os mesmos estiveram no Brasil, foram inscritos aproximadamente 2 ou 3 mil estudantes em suas escolas e, eles não abriram nenhuma universidade, devido a isso, não se poderia esperar nenhuma mobilização a favor da educação física.

Marinho (1994) descreve o período em que a Família Real Portuguesa chega ao Brasil (1808), e diz que logo tratam de formular novas maneiras de dominar o país. Eles começam por mudar a questão cultural e transformar tudo em interesse da elite. Desta forma:

São criadas a Imprensa Régia e a Biblioteca Real. O ensino superior passa a receber especial atenção, embora não existisse, estruturado, um sistema de ensino primário ou médio. O importante era a formação de “doutor”. Continuamos, porém, sem nenhuma universidade. Apesar da emancipação política (1822), a dependência econômica (agora da Inglaterra), a censura e a repressão ainda são grandes: a primeira Constituição (1824) dava poderes ilimitados ao imperador. (1994, pg.52)

Filho (1992, APUDE MIGUEL, 2013, pg. 34), diz que a História da Educação Física no Brasil, em muitas partes, se relaciona com a dos militares, segundo ele, devido a:

A criação da Escola Militar pela Carta Régia de 04 de dezembro de 1810, com o nome de Academia Real Militar, dois anos após a chegada da família real ao Brasil; a introdução da Ginástica Alemã, no ano de 1860, através da nomeação do alferes do Estado Maior de segunda classe, Pedro Guilhermino Meyer, alemão, para a função de contra - mestre de Ginástica da Escola Militar; a fundação, pela missão militar francesa, no ano de 1907, daquilo que foi o embrião da Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo [...]; a portaria do Ministério da Guerra, de 10 de janeiro de 1922, criando o Centro Militar de Educação Física, cujo objetivo enunciado em seu artigo primeiro era o de dirigir, coordenar e difundir o novo método de Educação Física e suas aplicações desportivas [...], somados a muitos outros fatos, como por exemplo a marcante presença dos militares na formação dos primeiros professores civis de Educação Física [...].

A instituição militar contribuiu muito no que diz respeito à concepção da disciplina e suas finalidades, no que se remete ao campo de atuação e na maneira de ser ensinada. Onde era respeitada tanto pelos seus seguidores como pela

sociedade, pois ocorria através da mesma um patriotismo e se dizia ser uma forma de educar o corpo para se obtivesse um corpo saudável e forte.

O mesmo pensamento tem Caparroz (1997, pg.09) e, segundo ele:

[...] historicamente, a educação física brasileira esteve atrelada ao paradigma biológico e que, nessa perspectiva, as práticas desenvolvidas sustentaram-se pelo seu caráter instrumental em favor do status quo, a serviço da classe dominante, ou seja, a educação física voltava-se para a construção de um corpo ordeiro, disciplinado, forte e alienado, garantindo saúde e aptidão física ao trabalhador, preparando-o para as exigências das técnicas de trabalho.

O autor mencionado acima, conclui seu pensamento dizendo que o objetivo da Educação Física “revela também que esse caráter instrumental estava impregnado de autoritarismo, herança da influência militar que se sobrepôs à área desde o início do século passado” (CAPARROZ, 1997, pg. 9).

O método ginástico francês, foi o adotado no Brasil, pelo fato de ser voltado para o lado pedagógico, sendo assim, era mais adequado para a escola (PÉRSIO, 2007). Referente a isso, Soares (2007, APUD PÉRSIO, 2013, pg. 67), acredita que:

No Brasil, a ginástica Francesa foi oficialmente implantada em 12 de abril de 1921, através do decreto n. 14.784. Sua chegada, porém deu-se no ano de 1907, através da missão militar à força pública do Estado de São Paulo, onde fundou uma sala de armas que deu origem, mais tarde, à escola de educação física do Estado de São Paulo.

Pérsio (2007), disse ainda que o método francês serviu como grande influencia para a cultura voltada a estética no Brasil, Morais (2007, APUD PÉRSIO, 2013, pg. 119) explica o que isso significaria:

A hegemonia em estudo significou, portando, para nós uma hora de empobrecimento ainda maior, pois, se já vivíamos com um ethos tomado de empréstimo a outra formação cultural (a Francesa), se experienciávamos uma situação básica de inautenticidade, naquele instante eramos transferidos para outra situação de inautenticidade – só que infinitamente mais pobre, na qualidade intrínseca de seus valores.

Muito foi feito para que a Educação Física fosse implantada nas escolas, mas o período conhecido como Brasil Império, não ofereceu incentivo pedagógico com grande significância para os exercícios físicos. Quando o exercício físico foi

imposto nas Escolas Militares, a Educação Física brasileira teve uma evolução significativa.

Embora não julgasse merecer um lugar de destaque no setor educacional, a intelectualidade brasileira já demonstrava preocupação com a educação física. A maior dessas manifestações aconteceu por intermédio de Rui Barbosa. Os seus pareceres (1882) sobre a Reforma de Ensino Leôncio de Carvalho (1879) constituíam-se num pequeno tratado sobre educação física. Baseado numa rigorosa e exaustiva análise da história da educação física, Rui Barbosa adianta-se, em muitos anos, aos que pensavam sobre o assunto no Brasil (MARINHO, 1994, pg. 54).

Ainda, de acordo com o mesmo autor mencionado anteriormente, Rui Barbosa teve grande influência na prática da Educação Física no Brasil. Foi ele quem tornou como obrigatória a sua prática na educação infantil e nas escolas de ensino primário e secundário, sendo que a sua prática deveria acontecer depois das aulas e em horários diferentes dos do recreio, acontecendo à diferenciação dos exercícios direcionados aos homens e as mulheres, bem como a prática de exercícios físicos durante trinta minutos, tornando-se necessária a valorização do professor de Educação Física.

Já no período Brasil República, sucessivo ao ano de 1930, a Reforma Francisco Campos, a Educação Física torna-se obrigatória no ensino secundário e, decorrente a isso, aparecem às primeiras escolas de ensino superior de Educação Física. Assim, “Getúlio Vargas cria o Estado Novo e a Constituição outorgada é a primeira a ter a Educação Física inserida em seu contexto” (FERREIRA, 2001, PG. 2).

Após a 2ª Guerra Mundial e a decadência de Getúlio Vargas, a população não aguentava mais a tirania e, as escolas pararam de promover os desfiles habituais, as apresentações de demonstrações de ginástica, a boa ordem entre outros fatores que tinham relação com a política e, depois de alguns anos, a Educação Física escolar voltou a ser praticada pelos alunos, deixando de lado a influência política e militar (FERREIRA, 2001).

Sobretudo, segundo a mesma autora mencionada anteriormente, pode-se analisar na história da Educação Física, que fundamentações teóricas estão

desvinculadas do que realmente é praticado nas escolas, ou seja, o método de ensinar e aprender, não estão relacionados com frequência as mudanças existentes e, que na maioria das vezes são bastante significativas, na área pedagógica da Educação Física.

3.1. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Segundo Caparroz (1997, pg. 52) a Educação Física escolar é aquela realizada dentro de “instituições escolares”. Seguindo esta linha de raciocínio, o autor mencionou duas situações teóricas diante da Educação Física escolar, que foram:

[...] uma que considera redundante o qualificativo escolar, na medida em que parte do princípio de que o termo educação física refere-se tão somente à disciplina/atividade que se dá na instituição escolar, e outra que considera a educação física como abrangendo diversas práticas sociais (escolares, desportivas, terapêuticas, de lazer, etc) e que, conseqüentemente, a educação física escolar é uma das diferentes práticas que envolvem a educação física (CAPARROZ, 1997, pg. 52).

A educação física escolar como visto é uma disciplina que tem o poder de envolver uma gama de conteúdos capaz de trabalhar dialogando com outras questões que a cerca, como questões sociais, política, culturais, econômicas, entre outras. Sobretudo sem fugir do conteúdo específico.

Maia e Maia (2010) tem o entendimento da Educação Física escolar como sendo a existência de diversas compreensões e saberes em relação a ela, onde, não é vista da mesma maneira por todos, pois a sociedade não valoriza nem reconhece da maneira que deveria ser.

Desta maneira, a Educação Física atuando junto com os ideais pedagógicos da escola, torna-se conteúdo obrigatório no currículo da Educação Básica, adequado - se à todas as idades e as necessidades das pessoas da escola, de modo que possa colaborar para o crescimento do organismo e da individualidade do aluno.

Ocorre, uma discussão do que deve ser tratada a Educação Física escolar, pois alguns autores acreditam que ela é limitada apenas ao ambiente escolar e, outros, acreditam que a mesma pode e deve englobar diversas áreas, como as questões sociais, políticas, culturais, econômicas, entre outras. Nesta dimensão, concordo ao que diz os autores que deve a Educação Física englobar uma gama de conhecimentos e tratar dela dentro do âmbito escolar, envolvendo seus conteúdos com questões que envolvem o cotidiano dos alunos, como questões de violência, que vem sendo alvo de muitas escolas.

Contudo, no que se remete a questão curricular e a obrigatoriedade da Educação Física no ambiente escolar, Pereira (2006, pg.01) faz referência a LDB de 1996, que modificou a visão geral dos professores na forma de pensar e agir. Para ele, essa nova maneira de pensar:

[...] é caracterizada pela necessidade de se conceber a Educação Física na escola nas mesmas condições dos demais componentes curriculares, nos quais a organização dos seus aspectos didáticos os consolidam na educação escolarizada.

Desta forma é necessário que os professores de Educação Física na construção do projeto político pedagógico da escola, ao ter acesso ao currículo escolar, este deve conter orientações presentes nas diretrizes do projeto pedagógico da escola. Sendo assim, depende dos professores da área fazer parte do dia-a-dia habitual escolar, facilitando assim, seu envolvimento nas discussões referentes às suas práticas pedagógicas (PEREIRA, 2006, pg. 01), Melo ainda nos diz:

[...] um novo agir dos professores deve ser implementado para dar sentido às práticas pedagógicas e às aprendizagens delas decorrentes. Tal atitude permite imprimir um novo olhar para a Educação Física na escola, possibilitando, dentre outros sentidos, uma valorização e sua consolidação pelo desenvolvimento de conteúdos que tenham significados para os alunos (PEREIRA, 2006, pg.01).

Neste sentido, a Educação Física ao ser implantado no ambiente escolar, precisa da mudança e da reestruturação dos conhecimentos pedagógicos a ela atribuída. Sendo, organizada de uma forma mais didática os “conhecimentos

pedagógicos” da Educação Física, dando maior sentido a um aprendizado amplo e significativo.

Ferreira (2001, pg. 02) cita o Paragrafo 3º do Artigo 26 da Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação que diz:

Art. 26 – Os currículos do Ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum a ser completada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

§ 3º - A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.

A autora cita também o decreto nº 69.450 de 1971, que torna a Educação Física uma atividade que transmite a melhora através de seus fundamentos, as forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do aluno. A autora direciona para a Educação Física duas abordagens, sendo a Tradicional e a Nova, onde os objetivos de cada uma são:

Os objetivos na Abordagem tradicional, estimula a busca de resultados e o desenvolvimento de capacidades físicas como: força, agilidade e velocidade. Dando bastante atenção à saúde física e à higiene. O corpo é tratado do ponto de vista essencialmente biológico. Já na Nova Abordagem coloca-se em primeiro plano a variedade e a história dos movimentos humanos. Procura-se adequar as atividades físicas aos gostos, às necessidades e aos interesses individuais. O foco não é somente o corpo: os cuidados com a saúde e com a higiene são tão importantes quanto o prazer pelo movimento corporal em geral (2001, pg. 02).

Para Maia e Maia (2001), a formação do professor de Educação Física influencia em sua prática pedagógica, conduzida em manifestações e atitudes positivas ou negativas no decorrer da disciplina, cabendo a ele, estimular e direcionar atividades que ocasionam o prazer e acabem com o ócio. O autor diz ainda:

A Educação Física como componente escolar deve promover o desenvolvimento integral e humanístico do educando, sendo, portanto inseparável e indispensável a todo o processo educacional. Tal disciplina não deve objetivar apenas questões como o

condicionamento físico, melhor performance, profilaxia ou prevenção da saúde, mas sim, o atendimento as necessidades intelectuais, emocionais, sociais e lúdicas do educando. Sua prática não pode ser apresentada de forma indigente, acrítica, transmitindo atividades mecânicas e limitadas ao modismo (2001, pg. 02).

Os conteúdos da Educação Física escolar, devem ser escolhidos de acordo com os ideais e objetivos da escola, de modo que contribua para a formação dos alunos e, as aulas devem ser desenvolvidas em suas salas de aula como as outras disciplinas, aonde todo o processo deve ocorrer de acordo com ideários do ensino e aprendizado, sendo respeitada e ter seu devido valor e atenção, assim como as demais. As aulas de Educação Física nas escolas devem ser dinâmicas proporcionando um ensino e aprendizagem prazerosos e, que se sintam confortáveis para executar e praticar exercícios. Acima de tudo deve ser planejado de modo a abranger o conteúdo de ensino específico envolvendo questões que cerca o âmbito escolar, sendo estas sociais, emocionais, etc. Sem perde o foco, podendo ser desenvolvida através de atividades lúdicas, pois as aulas não devem ser transmitidas e vivenciadas como uma agencia bancaria e muito menos de forma mecânica, deve ser aprofundado e abrangente, de forma sistemática e direcionada.

O professor de Educação Física atua como uma ligação entre a escola e a sociedade. Desta forma é necessária uma formação adequada dos profissionais da área e, a utilização dos conteúdos, para que não ocorra um prejuízo no estímulo direcionado ao aluno nas aulas e na escola.

Portanto, segundo Pereira (2006), os conteúdos da Educação Física devem ser reunidos aos demais presentes na escola, estar de acordo com os Parâmetros Curriculares e as Leis de Diretrizes e Bases, para que não ocorra nenhum equívoco ou prejuízo no que se remete ao conteúdo, na transmissão e assimilação, sendo está apropriada para cada etapa e faixa etária, bem como de acordo com as necessidades individuais e coletivas, em sua inserção nas escolas, bem como no desenvolvimento e aprendizado dos alunos.

CAPÍTULO II

DOCENCIA E ENSINO: UMA BUSCA CONSTANTE PELA QUALIFICAÇÃO NO PROCESSO DO ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

2.1. PROJETO POLÍTICO – PEDAGÓGICO

O projeto político – pedagógico (PPP) adentrou ao ensino escolar para dar maior fundamento e direcionamento tanto para os professores como à escola. Neste percurso é visto que o PPP tem como finalidade planejar aquilo que se pretende realizar durante sua jornada de ensino, deste modo é preciso que se tome posse da realidade encontrada diante deste caminho, Segundo Gadotti (2002, APUD PASSOS, 2013, pg. 01):

Todo projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. Um projeto educativo pode ser tomado como promessa frente a determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis os campos de ação possíveis, comprometendo seus atores e autores.

Nesta perspectiva o PPP não se resume em um simples desencadear de um plano, mas é a direção de um amplo horizonte que faz a diferença para aquele docente que o segue, com rigor e disciplinamento. Pois não basta desenvolver – ló com o fim de cumprimento de um dever, de uma tarefa burocrática, este busca dar qualidade ao que se pretende atingir durante seu processo. De acordo com o Coletivo de Autores, o PPP tem a missão de examinar, discutir uma estratégia para uma futura ação. Ainda segundo o Coletivo de Autores o PPP, “É político porque expressa uma intervenção em determinada direção e é pedagógico porque realiza uma reflexão sobre a ação dos homens na realidade explicando suas determinações.” (1991, pg. 15).

Já para Passos o PPP “busca um rumo uma direção”, onde realiza intenção, sendo que esta é definida coletivamente, mas que obtém suas

individualidades. Com comprometimento sociopolítico, que interessa a sua totalidade. Passos (2002, pg. 01):

É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade... E na dimensão pedagógica reside a possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo. Pedagógico, no sentido de definir as ações educativas e as características necessárias às escolas de cumprirem seus propósitos e sua intencionalidade.

É preciso que o docente tenha em mente uma ação antecipada, que faça uma leitura da realidade que inserido esta, buscando compreender seus valores, cultura, seu conhecimento, etc. Assim, terá mais condição de saber como desenvolver! E o que desenvolver! Pois terá um conhecimento mais aprofundado de quem são estes que buscam o ensino e aprendizagem a que se dirige. Pensando nesta perspectiva, o docente necessita buscar dialogar este com o conteúdo propriamente dito, fazendo deste um instrumento e materializando – o, usando do seu conhecimento o senso crítico/reflexível.

De acordo com Marques (2002, APUD PASSOS, 2013, pg.02), o “político e o pedagógico” são indissociáveis, neste sentido é preciso está em constante processo de “reflexão e discussão dos problemas da escola”, tentando solucionar – lós através de meios que sejam mais viáveis para o que se pretende alcançar e, que “não é descritiva ou constatativa, mas é constitutiva.” Visando à população, este viabiliza um ensino democrático, onde possibilita a participação de todos envolvidos nesse processo (população). O autor ainda nos diz que “parecer complicado, mas trata-se de uma relação recíproca entre a dimensão política e a dimensão pedagógica da escola”.

Desse modo, o PPP ao ser fragmentado nesse processo, e ao ser gerido com democracia e prudência, viabiliza a organização do trabalho pedagógico tanto da escola como em sala de aula, de maneira a superar as questões que afeta todo o processo, dando ao educando e ao educado um sentido mais abrangente, tornando o trabalho do professor mais prazeroso ao fazer parte da construção de uma educação melhor e, aos alunos permanência no seu percurso de ensino.

O PPP não deve existir longe da realidade da população, pois ele deve está baseado e fundamentado neste e não em outro, pois não terá sentido este, sobretudo deve conhecer e “resgatar o espaço público” fazendo deste um trabalho realmente coletivo e democrático (PASSOS 2002, pg. 02). Nesse sentido, é preciso que se tenha ou se busque teorias pedagógicas que sejam viáveis para aquilo que pretende solucionar, dando direção e base teoria e metodológica para o que se pretende desenvolver.

Para isso Freitas (2002, APUD PASSOS, 2013, pg. 02) nos diz:

As novas formas têm que ser pensadas em um contexto de luta, de correlações de força – às vezes favoráveis, às vezes desfavoráveis. Terão que nascer no próprio "chão da escola", com apoio dos professores e pesquisadores. Não poderão ser inventadas por alguém, longe da escola e da luta da escola.

É preciso ter em mente a busca cotidiana pelo novo, pelo melhor método que se encontra para aquele momento, não existe um modelo pronto e acabado, é preciso buscar inovar sempre. E necessário que tenham ao seu lado um conjunto que reforce a cada dia suas forças, não adianta lutar sozinho, pois este deve ser construído junto com a equipe, ou seja, é necessário um trabalho conjunto aos professores e equipe pedagógica na busca de avaliar e organizar a escola qualificando todo percurso dentro da realidade, o que faz parte desse processo, ocorrerá momento em que aquilo que se pretendeu realizar não dará resultado ou mesmo não conseguirá nem ó desenvolver, mas é preciso ser revisto, reconsiderado e redirecionado.

2.2. PRÁTICA PEDAGÓGICA

Para compreender a prática pedagógica é importante entender seu significado, sendo assim, o termo prática pedagógica é entendido em diversas obras da literatura e definida com o mesmo significado, porém expressada de modo distintos, desta forma a prática pedagógica é entendida como o estudo mais aprofundado da Educação Física, onde se busca compreender historicamente e metodologicamente seu contexto, pois surge de necessidades sociais, de acordo

com Coletivo de Autores (2001, APUD SOUZA, 2013, pg.01), defende nesta obra a Educação Física como sendo: "uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais..., que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal". Nesta perspectiva, é visto que na Educação Física da cultura corporal busca - se desenvolver métodos de elaborar atividades que além de trabalhar o corpo no seu ensino mais denso também aprofunda seu conhecimento à respeito deste. É a ação do desencadear de um fazer pedagogicamente.

Já Costa (2001, APUD SOUZA, 2013, pg. 02) define o termo "prática pedagógica", como sendo o ensino da Educação Física escolar, sendo está à descrição do dia – a – dia das aulas, onde a autora usa sinônimos para descrever está prática pedagógica como "ação pedagógica da Educação Física" e "ensino da Educação Física".

A prática pedagógica existe algum tempo, porém com suas limitações. E que com o passar dos anos obteve maior consistência, essa significação por crítica a sociedade capitalista e, para um referencial teórico crítico que desse maior sentido ao ato educativo. Pensando em um ensino de qualidade que ultrapassasse o simples ato de repasse de conhecimento. Como confirma em um dos seus escritos Bracht (2001, APUD FERREIRA, 2013, pg. 03) afirma que:

O educador na sua prática, quer queira quer não, é um veiculador de valores. É nesse sentido que reside a vinculação da forma de ensino com seu conteúdo. A socialização do indivíduo ou da criança se dá exatamente através da internalização de valores e normas de conduta da sociedade a que pertence. A escola é uma das instituições que promove tal socialização.

De acordo com Souza (2001), num certo momento do processo da prática pedagógica a escola esteve voltada especificamente para o professor, como sendo este elemento central de todo o percurso no ensino da educação, "da educação e para a educação". Neste sentido, os alunos apenas seguia o trajeto que o professor guiava.

Ainda de acordo com Souza (2001), em outro momento a escola volta – se para os alunos, com intuito de torna – lós autônomos, levando em conta a realidade do aluno. E mais adiante encontra – se professor e alunos caminhando no

mesmo percurso, a autora ainda refere este momento como sendo a origem do conceito de prática pedagógica, em que o professor leve em conta a realização do conteúdo a escola em que está inserido e a realidade dos alunos.

Nesta perspectiva, encontra – se uma prática pedagógica em que não existe isoladamente da realidade em que está inserida, ou seja, da escola, dos alunos e dos contextos que cerca este processo, e que está depende de alguns fatores, como cita Veiga (2001, APUD SOUZA, 2013, pg. 05),

[...] a prática pedagógica é teórico-prática e, nesse sentido, ela deve ser reflexiva, crítica, criativa e transformadora. É teórica sem ser mera contemplação, uma vez que é a teoria que guia a ação e é prática sem ser simples aplicação da teoria e que não se confunde com um mero exercício. A prática é a própria ação guiada e mediada pela teoria. A prática tem que valer como compreensão teórica. Dessa forma, a teoria responde às inquietações, indagações da prática. E sem essas inquietações, indagações não haveria teoria. A teoria tornar-se-ia estéril e sem significado.

Segundo Souza (2001, pg. 05), o conceito de prática pedagógica é muito importante na construção de uma Didática Crítica, já que “consegue materializar a necessidade de superação das dualidades, dicotomias e outras características de uma didática instrumental e prescritiva, denunciada por seus defensores”. Sendo estas: “ensino x aprendizagem, conteúdo x forma, professor X aluno, teoria X prática etc”.

Seguindo este percurso Morgado (2008, APUD BOREL, F. et al. 2013, pg. 210) nos diz:

Como o conjunto de crenças, valores, hábitos, formas de fazer as coisas e normas dominantes que influenciam e determinam o que os docentes consideram valioso no seu contexto profissional e, ainda, os modos politicamente corretos de pensar, de sentir, de atuar e de relacionar entre si.

A prática pedagógica deve ser pautada e fundamentada na construção de um ensino e aprendizado voltado para as questões que afeta a sociedade e suas transformações, seguindo este caminho o ensino deve levar em conta a realidade dos alunos e da escola para que aprendizagem seja efetivada, o conteúdo deve seguir uma metodologia de ensino desenvolvida especificamente para aqueles e não ao todo, o professor deve ter um dialogo com os alunos e envolve – lós a cerca do

processo e, a teoria deve complementar a prática e vice – versa, sendo que um auxilie o outro e não o contrario. Veiga (2001, APUD SOUZA, 2013, pg. 06) a respeito deste diz:

[...] uma educação comprometida com a transformação da sociedade, reconhecendo e defendendo a dialeticidade das práticas sociais, por conseguinte da Educação Escolar. A dimensão do ideário pedagógico abrange a relação entre educação e sociedade, os papéis do professor e do aluno, servindo de respaldo e justificativa para a prática pedagógica. A dimensão do fazer pedagógico é representado por momentos complementares e interligados, são eles concepção ou preparação, realização ou desenvolvimento, avaliação e relação pedagógica, esta última entendida como o vínculo estabelecido entre professor, aluno e saber nos níveis afetivo, social e político.

É necessário que o professor tenha um contato maior com a realidade em que está inserida, pois assim, saberá das condições que encontra presente e terá domínio ao desenvolver um trabalho de qualidade, promovendo uma fundamentação ao processo de ensino e aprendizagem. O professor deve obter as suas condições de trabalho com um vínculo apropriado, aonde possa executar alterações e fazer parte da apropriação. Este processo de desenvolvimento do professor se dar na prática por diversos caminhos, onde encontramos meios que sustenta o percurso deste, podendo encontrar no currículo como veremos mais adiante. O professor deve usar seus meios como forma de ampliar e abrangem o processo de ensino, dando maior qualidade e fazendo com que absorção da assimilação do aluno seja maior e apropriada para cada objetivo e com adequação, já que nos deparamos com uma diversidade de situação nas aulas.

2.3. CURRÍCULO

Para compreensão do currículo como principio de intervenção e produção no âmbito educacional, é importante o entendimento do seu processo de construção e fundamentação na caminhada que percorre e percorreu para sistematização no processo de transmissão e assimilação do conteúdo.

Em 1920, surge a preocupação em torno das questões que afeta o currículo, onde foi objeto de estudo, principalmente nos EUA, com uma intensa

vinculação com “o processo de massificação da escolarização e com a intensa industrialização.” (D’ SILVA E HORNBURG, 2007, pg.01). Segundo D’ SILVA E HORNBURG (2007, pg. 01):

Voltada para a racionalização do processo de construção, de desenvolvimento e de testagem de currículos, essa preocupação partia, principalmente, das pessoas que estavam ligadas à administração da educação.

Essa preocupação se dava por buscar meios que viabilizassem a transmissão de um ensino mais adequado. Sendo assim, D’ Silva e Hornburg (2007, pg. 01), nos revela que:

O conceito de currículo como uma especificação precisa de objetos, procedimentos e métodos para obtenção de resultados que podem ser medidos passou a ser aceito pela maioria das escolas, professores, estudantes e administradores escolares. No entanto, como esta questão apresenta grande importância no processo educacional, passou a ser vista como um campo profissional de estudo e pesquisas, fazendo com que surgissem outras teorias para questionar o currículo e tentar explicá-lo.

O currículo deve ser o processo de desenvolvimento medido e dosado dentro de uma lógica abrangente, onde necessita ser transmitido dentro de um tempo e espaço específico e, adequado para sua assimilação. Para tanto é preciso um olhar aprofundado e apurado das condições da escola, dos alunos, do material para que possa ser transmitido e assimilado dentro de um período determinado (COLETIVO DE AUTORES, 1991).

Neste percurso, é visto que o currículo surge com um caminho que se enquadra no processo de ensino e aprendizagem para obtenção de resultados positivos a cerca da educação, tendo este como intuito porpassa uma mera transmissão de conteúdo, bem como ao transmitir e assimilar o conteúdo, o professor, deve instigar seus alunos à busca constante do novo, num processo de reflexão e, para mais abre caminho para diversas outras pesquisas no campo.

Segundo Coletivo de Autores (1991, pg. 15):

O esforço de teorização sobre currículo, em que pese os trabalhos científicos desenvolvidos por autores brasileiros e estrangeiros, ainda não aponta para uma teoria amplamente aceita na qual se explicita seu objeto de estudo.

É compreendido, entretanto que ainda não existe uma teoria de currículo pronta e acabada que seja aceita e adequada, mas é através destes, o currículo, que conseguimos encontrar um caminho adequado para pode chegar onde se pretende.

Tendo em vista o acima exposto, D' Silva e Hornburg (2010, pg. 01), diz que:

Essas teorias relacionadas ao currículo tinham, inicialmente, como questões principais: Qual conhecimento deve ser ensinado?, O que os alunos devem saber?, Qual conhecimento ou saber é considerado importante ou válido para merecer ser considerado parte do currículo? Respondidas a estas perguntas, houve a preocupação em justificar a escolha por tais conhecimentos e não por outros e o que os alunos devem ser ou se tornar a partir desses conhecimentos.

O currículo é entendido ao longo do discurso como um importante processo de procedimentos e métodos, que viabiliza a busca de um ensino que ultrapasse a condição de mera transmissora de conhecimento e, que abre um leque para as questões que envolvem a escola e o ensino, sendo estas questões inerentes ao mundo e que integra o dia – a – dia na escola, envolvendo questões raciais, de gênero, ética, sociais, etc.

Nesta perspectiva as teorias do currículo ao saber do conhecimento que se tratam, as teorias de currículo devem – a justificar. Segundo Silva (2010, pg. 15): Nas teorias do currículo [...] a pergunta “o quê?” nunca está separada de outra importante pergunta: “o que eles ou elas devem ser?” ou melhor, “o que eles ou elas devem se torna?”. As perguntas estão sempre ligadas à determinação do tipo de pessoa, de sociedade, de educação, etc., sendo estas direcionadas ao que se deseja atingir através dos seus objetivos, sendo uma questão de “identidade de subjetividade”. De acordo com Tadeu (2010, pg. 09):

[...] As teoria do currículo estão ativamente envolvidas na atividade de garantir o consenso, de obter hegemonia. As teorias do currículo estão situadas num campo epistemológico social. As teorias do currículo estão no centro de um território contestado.

Seguindo este viés, é entendido que as teorias do currículo buscam se situar em uma perspectiva que siga apenas um caminho e, que este deve proporcionar o bem social (a educação de qualidade), pois são encontradas diversas problemáticas que distanciam o foco do processo de educação no mundo, como a

questão de classes, que é um dos fatores que influenciou e ainda influencia a educação, estando presente nas teorias do currículo, onde sofreu forte influência, ocorrendo divisão nas teorias curriculares, sendo cada uma das perspectivas distintas da outra, são identificadas como teorias tradicionais, teorias crítica e, teorias pós – críticas.

Silva (2010, APUD D' SILVA E HORNBURG, 2013, pg. 01) nos explica que a teoria tradicional:

[...] teve como principal representante Bobbit, que escreveu sobre o currículo em um momento no qual diversas forças políticas, econômicas e culturais procuravam envolver a educação de massas para garantir que sua ideologia fosse garantida. Sua proposta era que a escola funcionasse como uma empresa comercial ou industrial.

As teorias tradicionais tinham como finalidade desenvolver um trabalho direcionado a um modelo de empresa a ser seguido, pois a pretensão de que realizasse um caminho de neutralidade, onde não ocorriam questionamentos, seguia um modelo de ensino técnico, onde era transmitido o conteúdo, ensinado apenas com intuito dos alunos aprenderem o conteúdo.

Silva (2010, APUD D' SILVA E HORNBURG, 2013, pg. 01) ainda nos revela que:

[...] de acordo com Bobbit, o sistema educacional deveria começar por estabelecer de forma precisa quais são seus objetivos. Esses objetivos, por sua vez deveriam se basear num exame daquelas habilidades necessárias para exercer com eficiência as ocupações profissionais da vida adulta.

Tendo em vista este proposito, é compreendido que o currículo tinha a função de gerir um ensino que propiciasse o aluno sair deste processo apto a vida profissional, ou seja, destinava o ensino com técnica, onde o conteúdo era exposto, com o objetivo deste para que alcançasse os resultados esperados, sendo que durante este processo os alunos não tinham o dialogo do mesmo, era apenas mera transmissão. Como nos revela o mesmo autor “A questão principal das teorias tradicionais pode ser assim resumida: conteúdos, objetivos e ensino destes conteúdos de forma eficaz para ter a eficiência nos resultados.” (2010, pg. 02).

As teorias crítica em contraposição as teorias tradicionais, buscou – se questionar está concepção, em virtude disso, o proposito era que compreendesse a função do currículo, este processo foi baseado na análise marxista (D' SILVA E HORNBURG, 2007).

As teorias crítica fazem em seu processo reflexão criteriosa e crítica em relação ao percurso que é traçado dentro do âmbito escolar pelos seus dirigentes, onde é compreendido que o sistema educacional funciona fundamentando o ensino e aprendizagem em que pese o poder dominante, onde privilegia esse, viabilizando que o poder dominante continue atuando no poder e seus subordinados continuem sendo dominados, para mais desenvolvem um sistema em que “fazem crianças de famílias menos favorecidos saírem antes de chegarem a aprenderem as habilidades das classes dominantes” Silva (2007, APUD D' SILVA E HORNBURG, 2013, pg. 02).

Neste percurso Silva (2007, APUD D' SILVA E HORNBURG, 2013, pg.02) nos diz:

A escola contribui para esse processo não propriamente através do conteúdo explícito de seu currículo, mas ao espalhar, no seu funcionamento, as relações sociais do local de trabalho. As escolas dirigidas aos trabalhadores subordinados tendem a privilegiar relações sociais nas quais, ao praticar papéis subordinados, os estudantes aprendem a subordinação. Em contraste, as escolas dirigidas aos trabalhadores dos escalões superiores da escala ocupacional tendem a favorecer relações sociais nas quais os estudantes têm a oportunidade de praticar atitudes de comando e autonomia.

Nesse sentido é visto que a escola contribui para uma sociedade capitalista, onde é destinado os saberes para o significado em que desejam produzir e reproduzir durante a vida do individuo. E entendido, contudo que a questão cultural influencia nesse processo, já que a transmissão produzida a cerca do sistema educacional é uma linguagem distinta dos subordinados e, entendida pelos dominantes, pois está é vivida por ele, ocorrendo assim, uma exclusão (D' SILVA E HORNBURG, 2007).

Moreira e Silva (2007, APUD D' SILVA E HORNBURG, 2013, pg. 03) revelam-nos que:

Na concepção crítica, não existe uma cultura da sociedade, unitária, homogênea e universalmente aceita e praticada e, por isso, digna de

ser transmitida às futuras gerações através do currículo. Em vez disso, a cultura é vista menos como uma coisa e mais como um campo e terreno de luta. Nessa visão, a cultura é o terreno em que se enfrentam diferentes e conflitantes concepções de vida social, é aquilo pelo qual se luta e não aquilo que recebemos.

Nessa linha de pensamento a cultura deve ser desenvolvida no sistema educacional, onde os alunos constroem seus traços e não ser transmitido causando exclusão, a escola deve além de transmitir conhecimento ó produzir. E o currículo deve está centrado nesse processo, viabilizando a construção de um ensino mais amplo, onde tornam os fundamentos sistemáticos, o aluno deve está envolto neste processo não apenas como receptor do conhecimento, mas através do mesmo abrir um caminho de possibilidades para que ele possa questionar, discutir, discorda e opinar. Entendendo o sistema educacional como não sendo neutro.

Já as teorias pós – críticas analisavam o currículo multiculturalista, que tinham como entendimento, a não existência de uma cultura superior à outra e, ainda de acordo com D’ Silva e Hornbug (2007, pg. 04): havia um “movimento contra o currículo universitário tradicional que privilegiava a cultura branca, masculina, europeia e heterossexual, ou seja, a cultura do grupo social dominante”.

A cultura é vista como um meio de distanciamento, em que privilegia um público e exclui outro, e neste sentido abre duas perspectivas liberais, que de acordo com D’ Silva e Hornbug (2007, pg. 05) é:

A linha liberal defende idéias de tolerância, respeito e convivência harmoniosa entre as culturas, e a visão crítica pontua que, dessa forma, permaneceriam intactas as relações de poder, em que a cultura dominante faria o papel de permitir que outras formas culturais tivessem seu “espaço”.

É compreendido que ocorria uma desigualdade muito grande entre os sexos, pois não se tratava dos estudos dentro do currículo da mesma forma para homens e mulheres, havia disciplinas que não eram disponíveis para as mulheres apenas homens poderiam fazer. Sendo questionado que o simples acesso às instituições e conhecimentos tidos como masculinos não bastava para o valor feminino ser percebido, era necessário que os currículos desse igual importância para as mulheres, onde notassem as experiências, os interesses, os pensamentos e

os conhecimentos tidos por elas, tornando a igualdade entre os sexos (D' Silva e Hornbug, 2007).

Seguindo essa linha de raciocínio, pode – se perceber que a perspectiva liberal enfatiza as questões eminentes a desigualdade encontrada no sistema educacional, sendo este de raça, gênero e, sexualidade, onde na sua maior parte enfatiza o predomínio do feminismo, que é muito encontrado no espaço escolar, sendo que suas atividades e disciplinas muitas vezes exclui o sexo feminino, bem como tendo predominância de homens em alguns cargos profissionais. Na segunda perspectiva é entendido que o currículo devia abrir mais espaço tanto na questão de acesso como na questão de valorizar a exposição do pensamento feminino, pois não basta ter acesso é preciso que ocorra a igualdade de oportunidade nesse processo.

D' Silva e Hornbug (2007, pg. 05) nos revelam que: “O que pretendemos não é utilizar apenas uma forma ou outra, mas equilibrar, por meio do currículo, todos estes interesses e particularidades para conseguir um equilíbrio”. Contudo, a pretensão é de torna igual os direitos. Ainda de acordo com o mesmo autor, as teorias pós – crítica nos diz, que “O currículo não pode se tornar multicultural apenas incluindo informações sobre outras culturas. Precisa considerar as diferenças étnicas e raciais como uma questão histórica e política”. Levando em conta o pensamento crítico e reflexivo que deve ter o professor e a escola, eles devem questionas estas questões. Porque privilegiar certos grupos e não todos? Já que poderia de uma forma ampla desenvolver um currículo abrangente e sistematizado, que desse uma fundamentação a esse processo, sem beneficiar apenas uma minoria.

2.4. FORMAÇÕES CONTINUADA

Sabidos de que a educação não é neutra, de que ela está associada a vários determinantes que fundamentam seu processo qualitativo na produção do desenvolvimento em sua prática, é fundamental que o docente esteja em constante busca pelo novo, em forma de atualizar seus saberes e de sustentar suas práticas diárias. Nesta perspectiva é visto diversos estudos realizados no intuito de conhecer

os saberes acerca deste, Maurício e D' Oliveira (2009, pg. 07), nos diz a respeito que:

A formação de professores tem ocupado historicamente espaço nos discursos oficiais, sob diversas perspectivas ideológicas, no sentido de responder às exigências que a sociedade e/ou o poder hegemônico faziam/fazem acerca das novas configurações de homem necessárias a uma sociedade em permanente mudanças.

É compreendido assim, que o professor é primordial no processo de desenvolvimento do ensino de qualidade, sendo assim, o professor deve buscar aprofundar os seus conhecimentos, onde o mesmo deve ocorrer dando maior fundamentação no decorrer de suas aulas, no dia – a – dia, pois são encontradas diariamente problemáticas que envolvem o percurso da prática docente na sua maioria estão ligadas as questões que afeta a sociedade.

Nunes (APUD FIRME, *et. al.*, 2013, pg. 03) informa-nos de que:

[...] a formação contínua insere-se como um espaço de desenvolvimento ao longo da vida profissional do professor, comportando objetivos, conteúdos, formas organizativas diferentes daquela, e que tem seu campo de atuação em outro contexto.

Significando nos dizer, que o professor dentro da sua prática seja no âmbito escolar ou não, deve está sempre aprimorando seus conhecimentos, bem como deve desenvolver uma ação reflexiva no que diz respeito a sua atuação. Como nos diz RODBARD e KOGUT (2009, pg. 05): “O professor como todos os profissionais necessitam estar em constante atualização, uma vez que a sociedade está sempre em transformação pelo avanço da tecnologia e pelo desenvolvimento humano.” Nesta perspectiva interessa compreender que o professor tem o papel relevante diante do desencadear da educação que se almeja alcançar, pois a mudança da escola e do ensino de qualidade está na proposta que o professor dispõe desenvolver a cerca do processo de ensino e aprendizagem. Neste sentido, Nogueira (2011, pg.93) diz que: “O ensino não pode ser visto apenas como um mero ato pedagógico mecânico, simplista e reducionista em que o professor trata os conteúdos prontos, acabados, e os repassa aos seus alunos”.

Diante destes, pode se dizer grosso modo que o professor deve buscar sempre a formação continua, onde está se da através de cursos, palestras, troca de

experiência com seus colegas, especialização, entre outros. Porto (APUD FIRME, et al, 2013, pg. 05) define a formação continuada como sendo, “um processo de importante condição de mudança das práticas pedagógicas”, onde se entende ser mudado não apenas o professor, mas todo o contexto que se dispõe. Assim diz Lino (2009, APUD MAURÍCIO D’OLIVEIRA, 2013, pg. 11):

Ser professor na escola de massas de hoje significa atualizar-se permanentemente, freqüentar obrigatoriamente ações de formação contínua e eventualmente cursos de formação especializada, partilhar as experiências e as reflexões com os colegas, participar em encontros pedagógicos, ler a literatura especializada. Significa, ainda, ser capaz de elaborar e orientar ações de formação contínua, formular programas de ocupação dos tempos livres, estabelecer parcerias com os pais e a comunidade, apoiar a integração das crianças com necessidades educativas especiais, planejar e avaliar a ação educativa.

É compreendido, entretanto, que a formação continuada requer um processo decorrente de sua ação docente, indicando que o professor deve está preparado para lidar e tentar solucionar as questões que afeta o âmbito escolar, que este encontra com uma diversidade de problemática muito grande, aonde requer cautela e muita criatividade para se sobressair. Diante deste embate, é visto ao longo do capítulo que, a formação continuada não diz respeito apenas à questão da técnica, mas, sobretudo ao trabalho pedagógico que se revela no dia-a-dia do professor, sendo este, ligado às questões que envolvem a sociedade como questões sociais, políticas, econômicas, cultural, bem como as questões que desencadeia no meio destes, como a estrutura da escola, os matérias disponível, a sexualidade e ao trabalho em grupo. Para mais Rodbard e Kogut (2009, pg. 06) nos diz:

Torna-se importante ressaltar que a formação continuada do professor não está apenas na busca pelo conhecimento científico, mas também na auto realização pessoal, pois o profissional que trabalha com uma maior disposição e dedicação diante daquilo que desenvolve terá sempre um maior incentivo para procurar novas técnicas e desenvolver o seu trabalho docente sempre de maneira inovadora.

Neste sentido, a formação continua do professor vai muito além da fundamentação teoria/prática, pois quando o professor sente amor pela sua profissão torna – se mais prazeroso a busca pela inovação, ele se dedica e constrói

um caminho de recursos que fundamenta o processo de desenvolvimento do seu trabalho e, sustenta o ensino aprendido dos seus educando de forma ampla sem perder o foco do conteúdo proposto pela Educação física. Para o professor não é mais uma questão de obrigação à construção da formação continuada, mas a forma de procurar dar o melhor de si, aonde à recompensa esta no desempenho do dia-a-dia de sua jornada de trabalho e, no processo de transmissão e assimilação de seus alunos.

CAPÍTULO III

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: TEORIA PEDAGÓGICA E PLANEJAMENTO

3.1. TEORIAS PEDAGÓGICAS

As teorias Pedagógicas adentraram ao âmbito educacional como forma de viabilizar um método que melhor se qualifique no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, dando um direcionamento na prática pedagógica dos professores. As teorias garantem a concepção social, política e cultura de mundo que cada professor e escola defendem como ideário, sendo que podem ser favoráveis e desfavoráveis para o processo de transmissão e assimilação de conhecimentos dos alunos.

De acordo com Saviani (1999, pg. 03), “estimativas relativa 1970, "cerca de 50% dos alunos das escolas primárias desertavam em condições de semi-analfabetismo ou de analfabetismo potencial na maioria dos países da América Latina”. Ainda revela que há uma potente marginalização dos alunos na área educacional e, que por sua vez não frequentam a escola em idades escolar.

Para explicar o fatorial desta estimativa são divididos dois grupos, num primeiro grupo tem a teoria de que a educação é parte integrante de mudanças no quadro da marginalização. Sendo também uma teoria não-crítica. O segundo grupo tem a teoria de que a educação faz parte dessa marginalização e que é parte do quadro de teorias crítica.

Assim sendo, é encontrado no primeiro grupo das teorias não-críticas a pedagogia Tradicional, tendo como principal foco no sistema educacional acabar com a marginalidade escolar, na busca de alfabetizar todos os cidadãos principalmente aqueles tidos como súditos, pois assim tornaria os cidadãos esclarecidos dos seus direitos eliminando da sociedade toda ignorância causada pelo analfabetismo, tornando a sociedade justa e adequada para os meios.

Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. O “mestre – escola” será o artifício dessa grande obra. “A escola se organiza, pois, como uma agência centrada no

professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A este cabe assimilar os conhecimentos que lhe são transmitidos” (SAVIANI, 1999, pg.06). Desta maneira está teoria era voltada para o aprender, os alunos tinham que seguir uma linha de ensino voltada justamente para o conhecimento que lhes era transmitido, um ensino mais tradicional, porém essa teoria não obteve êxito, pois foi entendido que esse sistema não alcançava a estrutura que se pretendia.

Com as críticas ocorridas à pedagogia tradicional difundiu-se outra, a pedagogia nova, onde o sentido era direcionado para o sistema educacional como na tradicional, porém o mesmo visava acabar com a rejeição presente no anormal, assim acabaria com a marginalidade social, pois ensinaria ao indivíduo aprender a respeitar as diversidades, sendo que todos os indivíduos possuem diferenças seja qual for ela. Desta forma a pedagogia enfocou em trabalhar aquilo que os indivíduos mais se identificavam, acabando com aulas monótonas e, sobretudo dando maior sentido ao sistema educacional, contudo o direcionamento foi inverso do desejado, o efeito foi contrário, onde a camada popular acabou sendo excluída e tendo maior possibilidade de desenvolver esse trabalho com as classes sociais dos dominantes, pelo fato do alto custo, assim como na escola tradicional tinha a ideia de que era melhor uma escola para poucos do que uma escola ineficaz para muitos (SAVIANI, 1999).

Na pedagogia tecnicista acaba por desenvolver um pouco da pedagogia tradicional e nova, além de tudo a pedagogia tecnicista se preocupava mesmo era com o desenvolver, ou seja, com aprender a fazer, se preocupando assim, em desenvolver um ensino voltado para preparando do indivíduo para o mercado de trabalho, indústria. Nesta pedagogia o marginalizado é aquele indivíduo ineficiente, que não tem capacidade de produzir eficazmente o processo que é disposto. Provocando maior marginalidade, tornando o ensino ineficaz e pouco desenvolvido (SAVIANI, 1999).

Segundo Libâneo (2005, pg.07)

Uma herança comum dessas teorias, vista pelos críticos como negativa, é que em nome da razão e da ciência se abafam o sentimento, a imaginação, a subjetividade e, até, a liberdade, à

medida que a razão institui-se como instrumento de dominação sobre os seres humanos. Nesse sentido, a questão problemática na racionalidade instrumental é a separação entre razão e sujeito, entre o mundo científico e tecnológico e o mundo da subjetividade.

As teorias críticas, que se encontram no segundo grupo inversamente do primeiro grupo, consideram ser impossível entender a educação distanciando-a dos determinantes sociais, pois acreditam que “há uma dependência da educação em relação à sociedade” (SAVIANI, 1999, pg.17). Não existe uma teoria crítica pronta e acabada, que fundamenta a proposta de uma educação, ela apenas nos permite entender, que nenhuma teoria ainda foi relevante para o quadro educacional. Segundo Duarte (2007, pg. 03) [...] ausência da perspectiva de superação da sociedade capitalista e, por conseqüência, uma concepção idealista das relações entre educação e sociedade.

3.2. PLANEJAMENTO

Pensa o planejamento, significa ter como instrumento de estratégia uma ferramenta que auxiliará o docente no desencadear de sua jornada de trabalho, tendo como mecanismo que contribui na sua ação prática do cotidiano de suas aulas, meios que melhor se enquadra para produção e desenvolvimento dos processos de transmissão e assimilação, sendo que deve ser sistemático, qualificado, abrangente e diretivo. Não pode ser qualquer ferramenta, mas uma específica que fundamente todo o percurso e de base na sua ação.

Cerchii (1998, pg.02) define planejamento do ensino como sendo o:

[...] processo de pensar, de forma "radical", "rigorosa" e "de conjunto", os problemas da educação escolar, no processo ensino-aprendizagem. Conseqüentemente, planejamento do ensino é algo muito mais amplo e abrange a elaboração, execução e avaliação de planos de ensino.

Diante do exposto, é compreendido que o plano de ensino é algo que deve ser visto e analisado pelo docente com muita cautela, tendo em vista a sua complexidade diante do processo de ensino e aprendizagem, pois não basta planejar, é preciso ter um olhar amplo a cerca do mesmo, fazendo da ação uma

reflexão e tomando outra ação, ou seja, é necessária que se tenha em mente que ação do planejar deve ser revista e reconsiderada, levando em conta as mudanças que devem ocorrer para o fim de uma adequação e qualidade para os fins. Ainda como nos diz Cerchii (1998, pg.02), “O planejamento, nesta perspectiva, é, acima de tudo, uma atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente”.

Gandin (2001) defende o planejamento participativo, onde revela que não há condições de desenvolvê-lo longe da opinião e participação dos envolvidos nesse processo, ajudando e contribuindo na execução, assim sendo, ele nos diz:

O Planejamento Participativo é, de fato, uma tendência (uma escola) dentro do campo de propostas de ferramentas para intervir na realidade. Ele se alinha ao lado de outras correntes, como o Planejamento Estratégico, o Gerenciamento da Qualidade Total... Como tal, ele tem uma filosofia própria e desenvolveu conceitos, modelos, técnicas e instrumentos também específicos. (2001, pg.82)

Humberto (2004, pg. 04), nos diz que dentro de uma abordagem crítica:

A função e a importância do planejamento de ensino no contexto da pedagogia crítica residem na necessidade dialética de concretizar o trabalho pedagógico por meio de uma atividade mediadora entre os indivíduos e o social, entre os/as alunos/as e a cultura social historicamente acumulada, cuja função é facilitar, por meio de complexos temáticos de conteúdos, os conceitos, as atividades, os métodos e as estratégias de ensino, a socialização do conhecimento associado à luta pela democratização da escola e da sociedade.

O planejamento do ensino tem um grande aliado nesse processo o plano de ensino, sendo distinto um do outro, mas que se complementam no processo de desenvolvimento do ensino e aprendizagem, onde segundo Cerchi (1998, pg.03):

O plano de ensino é um momento de documentação do processo educacional escolar como um todo. Plano de ensino é, pois, um documento elaborado pelo(s) docente(s), contendo a(s) sua(s) proposta(s) de trabalho, numa área e/ou disciplina específica.

Este deve dar um devido suporte no desencadear, onde seja um orientador na ação, não devendo ser desenvolvido de acordo com o que foi programado no seu plano, mas orientar o que deve ser seguido e, para mais o mesmo deve ser realizado com criatividade dentro de um planejamento adequado

para aqueles alunos, seguindo o caminho mais amplo e dentro da realidade do mesmo.

Ainda de acordo com Cerchi (1998, pg.03):

É importante desencadear um processo de repensar todo o ensino, buscando um significado transformador para os elementos curriculares básicos:

- objetivos da educação escolar (para que ensinar e aprender?);
- conteúdos (o que ensinar e aprender?);
- métodos (como e com o que ensinar e aprender?);
- tempo e espaço da educação escolar (quando e onde ensinar e aprender?);
- avaliação (como e o que foi efetivamente ensinado e aprendido?).

É de fundamental importância que o docente tenha uma preparação preliminar, para que seja fundamentada sua prática de forma sistemática, e que a ação docente não venha ser na sua prática um mero desencadear de improvisações imprecisas, que, sobretudo, tenha uma ação ineficaz e sem fundamentação que ao fim tenha como prejuízo aos alunos e a própria ação, um ensino e aprendizagem desqualificado e sem resultados positivos na ação teórica - prática.

O planejamento de ensino deve ser entendido e vivenciado dia-a-dia, como um processo pelo qual o docente além de desenvolver o plano de ensino, deve ele executar a tarefa de colocar em prática seguindo uma ação reflexiva no decorrer do processo, tendo ele pensado o conteúdo a ser passado aos seus alunos no mais específico ao mais complexo quesito realidade existente, sendo este elaborado de acordo com o saber que se tem a respeito do aluno que irá assimilar, da turma que este será desenvolvido, da realidade da escola e da comunidade, do conhecimento que tem este. Assim, o docente deve preparar sua aula baseado nos saberes que se tem, porém este deve ser desenvolvido numa ação – reflexão - ação, onde através da ação, seja teoria ou prática, reflita a todo o momento se a forma como vem sendo transmitida está sendo eficiente dentro da finalidade que se deseja alcançar.

CAPÍTULO IV

EDUCAÇÃO FÍSICA: UM OLHAR AMPLIADO NAS ESCOLAS DE ALEXÂNIA-GO

Neste capítulo será tratada da metodologia utilizada, apresentação, discussão e da análise dos dados da pesquisa realizada, onde deu início a uma revisão de literatura, com um projeto de estudo desenvolvido para este fim.

Tomando como partida as apresentações textuais exposto nos capítulos anteriores, pode – se dizer que estes foram desenvolvidos na perspectiva de nos deixar cientes do amplo contexto que está inserido no âmbito educacional e que faz parte da disciplina de Educação Física e, de uma organização qualitativa no processo de ensino e aprendizagem do docente.

Tendo como base de uma organização do trabalho pedagógico estes tópicos acima exposto, será dada início a uma análise dos dados da realidade em contrapartida a estes condicionantes que deve está inserido no trabalho do profissional de educação, mais especificamente destes docentes que foram investigados no decorrer desta pesquisa, que estão inseridos em escolas públicas do município de Alexânia – GO, sendo dois professores de Educação Física, um da rede estadual e outro do município.

Este estudo é um estudo de caso, e tem caráter qualitativo, onde buscará investigar os dados da realidade refletir criticamente e, buscar meios que supere e transforme o contexto atual.

A perspectiva para tal estudo era para que este fosse realizado em mais de uma escola municipal e estadual, no entanto o município de Alexânia encontra – se com um déficit de professores efetivos da área muito grande, pois a grande maioria dos professores que ministram as aulas de Educação Física é formados em outras áreas ou mesmo que estão em processo de formação em Educação Física, sendo estes da mesma turma da acadêmica que efetua este estudo.

Contudo, foi realizada uma pesquisa de campo, onde o instrumento de pesquisa utilizado foi a entrevista semi – estruturada, com os professores de Educação física, sendo um da rede municipal e outro da rede estadual de ensino, e se encontrará em anexo o roteiro da entrevista contendo dezesseis perguntas,

sendo abertas e direcionadas a educação física escolar; trabalho pedagógico, docência.

Para obtenção da escolha da escola e do professor, ocorreu uma investigação, onde a acadêmica foi a campo saber se havia algum professor formado em Educação Física na instituição e se autorizava a entrada da acadêmica para uma pesquisa, sendo que com o déficit de professores formados em Educação Física ser muito grande a acadêmica teve realizar a pesquisa com um professor que se encontra nas vésperas de sua formação e outro já formado. Contudo, em seguida foi dada aceitação do professor para este fim.

Desta forma, ao iniciar tal processo de pesquisa de antemão acadêmica explicou como funcionaria a pesquisa e a finalidade do mesmo para a escola e o professor, bem como entregou para cada professor um roteiro de entrevista e um termo de consentimento livre esclarecido para pesquisa, para assinar, e também foi entregue aos professores e a escola uma carta de apresentação.

Para tal entrevista, era perguntado aos professores se eles poderiam ser entrevistados e, explicado com antecedência como funcionava. Combinando com antecedência o dia a ser realizada a entrevista, para que os professores encontrassem um dia e horário que melhor o caberia.

Será dado agora inicio a exposição da apresentação e análise dos dados da pesquisa, fornecido pelos dois professores um da rede municipal e outro da rede estadual de ensino de Alexânia, cujos professores serão abordados com certo grau de cautela, para mais serão tratados anonimizados logo mais.

4.1. CARACTERÍSTICAS DOS SUJEITOS

Os professores de agora em diante serão tratados como “M e E”, sendo o professor M formado em Educação Física desde 2007, especializado em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio com Ênfase em Educação Física, desde 2011. Já o professor “E”, está em fase de conclusão de curso, sendo este não formado ainda.

4.2. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Projeto Político Pedagógico

Segundo Passos (2002, pg. 01):

o projeto político-pedagógico vai além de um simples agrupamento de planos de ensino e de atividades diversas. O projeto não é algo que é construído e em seguida arquivado ou encaminhado às autoridades educacionais como prova do cumprimento de tarefas burocráticas. Ele é construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola.

Tendo em vista um dos meios que fundamentam e dão base ao processo de desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos alunos e, um facilitador no trabalho docente que direciona no desencadear de sua prática de ensino, tanto na teoria como a prática.

De acordo com o exposto é compreendido que o PPP deve ser construído com cautela e democracia pelo seu conjunto, contudo o professor M nos revela que ocorre o planejamento coletivo na escola que ministra suas aulas, e que este tem o prazo de uma semana, onde todos os professores se reúnem em uma mesma sala e executa este e, ainda nos diz “vou - te dizer é bem divertido”. Já o professor E diz que este não é realizado lá, e diz o seguinte: “encontra – se dificuldade em realizar, pois a escola acha difícil conseguir os materiais, verbas a mais”.

De acordo com Passos (2002, pg. 02):

o projeto político-pedagógico tem a ver com a organização do trabalho pedagógico em dois níveis: como organização da escola como um todo e como organização da sala de aula, incluindo sua relação com o contexto social imediato, procurando preservar a visão de totalidade. Nesta caminhada será importante ressaltar que o projeto político-pedagógico busca a organização do trabalho pedagógico da escola na sua globalidade.

Diante desta importante relato posso dizer que segundo os relatos dos professores as suas aulas são planejadas e a um presente objetivo no PPP para suas aulas de Educação física, porém o professor M não nos diz qual seja este, já no PPP da escola é revelado que o grande objetivo é que seja desencadeado nos seus alunos o respeito ao próximo em que as diferentes modalidades esportivas e jogos possam ao desenvolver - lá favorecer este, bem como “desenvolvimento

correto de sua parte física motora, afetiva, social psicomotora dentro de suas modalidades esportivas e ainda colaborar nas atividades práticas do desenvolvimento físico e mental”. Já o professor E diz que existe apenas um objetivo presente, sendo este a interação entre ambas as partes, no PPP é encontrado que os seguintes objetivos: “Formação de novos comportamentos, hábitos e habilidades corporais das crianças e jovens tanto individual como coletivamente, integrando-os, assim, aos valores fundamentais do sujeito, da cidadania e da sociedade”.

Contudo, pode se dizer que PPP é uma construção da própria organização do trabalho docente, que manifesta através da sua prática coletiva e nas suas individualidades. Porém é compreendido que este dentro do âmbito escolar e na sala deve sair do papel, mas não de forma mecânica e sim, num modo mais amplo dentro de suas individualidades específicas.

Diante dos relatos dos professores pode – se observar que ocorre contradição ao que diz o professor “E” e o PPP, ao analisar o PPP o mesmo segue dizendo que este é desenvolvido em coletivo a camada que cerca a escola e este processo. É entendido, que o PPP é um dos trabalhos como muitos vistos na realidade educacional, que de fato é apenas um documento para cumprimento de tarefa a ser seguida e, que na realidade não se concretiza de forma alguma.

No que tange ao professor “M”, é visto que o mesmo se concretiza de modo semelhante ao relato e, que este grupo que compõem esta instituição está no caminho de uma educação democrática. Como nos diz Passos (2002, pg. 02):

O projeto político-pedagógico, ao se constituir em processo democrático de decisões, preocupasse em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que supere os conflitos, buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias, rompendo com a rotina do mando impessoal e racionalizado da burocracia que permeia as relações no interior da escola, diminuindo os efeitos fragmentários da divisão do trabalho que reforça as diferenças e hierarquiza os poderes de decisão.

O trabalho pedagógico vem sendo tratado de forma mecânica, onde são cumpridas as políticas educacionais. Visto que, é colocado no papel e não difundido na prática. A pesquisa nos revela que a realidade da prática do docente de Educação Física está fragilizada na organização do trabalho pedagógico, visto que a uma descontextualiza ção a luz da organização deste trabalho docente, aonde vem

impedindo que o docente consiga construir um ensino e aprendizagem sistemático, que amplie o horizonte. Ainda é descoberto que no PPP há um objetivo presente para a educação física, sendo na E (escola estadual) é a interação e na M (escola municipal) é o respeito ao próximo, porém ao observar as aulas não são encontradas estas ações, pois os professores apenas aplica o conteúdo e depois deixa os alunos jogar futebol ou voleibol, sem direcionar e abranger o ensino do que foi aplicado.

Desta maneira, o PPP não é apenas um mero planejar, mas vai muito além, que sistematicamente fundamenta e direciona um rumo, mas que deve ser ampliado abrangendo o contexto e a realidade existente, bem como as individualidades presentes. Tem em vista que o mesmo deve ser uma estratégia para qualificar suas aulas e alcançar os objetivos, onde deve ter em mente a formação de um cidadão crítico e reflexivo.

Planejamento

Diante do planejamento e na sua importante função para com o ensino, na sua perspectiva de facilitar o processo de ensino e aprendizagem viabilizando uma educação democrática e comprometida com aprendizagem de seus alunos. Os docentes acreditam que o planejamento melhora a organização do trabalho pedagógico, onde o professor M fala que com o planejamento a sua aula começa e termina pontualmente, os alunos não ficam dispersos, tem mais controle da turma. E já o professor E diz que “se for para realizar tudo que é colocado no papel o planejamento melhora a organização do trabalho pedagógico, porém isso não acontece”.

Contudo, pode – se dizer que o planejamento não é apenas o ato de planejar como é colocado pelo professor E, ele deve ser sistematicamente dialogado com a realidade e colocado em prática num processo mais criterioso e, sobretudo refletir a cerca do que vem dentro dele e nele, no sentido de refletir criticamente se o que foi planejado e organizado está sendo valido no processo de desenvolvimento, como nos diz Cerchi (1998, pg. 02), O planejamento, nesta perspectiva, é, acima de tudo, uma atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente.

Seguindo este percurso os professores dizem planejar suas aulas, o professor M fala que sua aula é planejada da forma em que a escola proporciona os seus limites. Já o professor E fala que planeja suas aulas de acordo com o eixo curricular, no qual é anual.

Seguindo o exposto acima, pode – se dizer que estes professores contradizem com a realidade, pois uma aula planejada e que tem direcionamento deve ser desenvolvida sistematicamente e com amplitude dando afinco ao processo de desenvolvimentos do conhecimento dos seus alunos, mas não é bem assim que ocorrem estas aulas nestas escolas. O professor E intercala as aulas, entre sala/quadra, leva os alunos para a quadra e com eles a bola, onde alguns jogam e outros ficam dispersos da aula, sendo que está aula não tem nada haver com o conteúdo aplicado na aula anterior, enquanto na aula do professor M, ocorre no mesmo padrão de desenvolvimento, conteúdo oposto da prática, ambos sem direcionamento. Os professores vem apenas desenvolvendo o planejamento no papel, na prática as aulas não estão tendo sentido, no entanto os alunos enxergam a Educação Física como mero brincar, disciplina essa que proporciona o momento do divertir.

De acordo com Cerchi (1998, pg. 03) A ação consciente, competente e crítica do educador é que transforma a realidade, a partir das reflexões vivenciadas no planejamento e, conseqüentemente, do que foi proposto no plano de ensino.

Nessa linha de pensamento, pode – se dizer que por mais complicada que seja a realidade da escola e dos alunos, o docente não deve deixar que esse seja o empecilho da construção e desenvolvimento de uma aula qualitativa e, que venha obter progresso. Diante da colocação dos professores e das observações realizadas a cerca deste processo, posso dizer que ambos têm que dar maior fundamentação a este processo, visto que não deve deixar que limitações da escola como exposto pelo professor M sejam, um ponto negativo na elaboração e desenvolvimento da sua aula, ele deve através deste, buscar meios que viabiliza o percurso e a qualidade nas suas aulas. O professor E, pode até seguir o eixo curricular, porém de maneira crítica e reflexiva, tendo em vista que ele deve criativamente colocar na prática deve o que está planejado, de acordo com o contexto escolar e social, abrangendo um todo, o conteúdo, a realidade da escola e

dos alunos, as condições materiais, física e os conflitos sociais. Para que não seja apenas uma mera transmissão de conteúdo, mas que aprofunde criticamente.

Prática Pedagógica

A prática pedagógica do docente vem abarcada de uma diversidade extensa que à cerca e define como meio e fim. Nesta linha de raciocínio é encontrado estas justificativas que devem ser produzida na obtenção deste percurso, como o ensino x aprendizagem, conteúdo x forma, professor X aluno, teoria X prática, e assim sucessivamente.

Tendo em vista o exposto acima, os professores apresentam sua concepção de Educação Física e, ainda nos revelam o que eles devem ensinar para seus alunos, o professor M nos revela que a Educação Física é entendida para ele como sendo a EF que estudo o corpo e a mente, onde ultrapassa os seus limites. Devendo ensinar as formas variadas dos esportes, estudo sobre o que o corpo é capaz de realizar, respeito ao próximo, competitividade e, cooperatividade. Já o professor E entende ser uma área da ciência humana que deve trabalhar o corpo, e todas as funções do corpo e, passar para os alunos estes.

De acordo com Darido (2006, APUD NICOLA; MOURA; DARIDO, Suraya, 2013, pg. 03),

o papel da Educação Física ultrapassa o ensinar esporte, ginástica, dança [...] (dimensão procedimental) e inclui também seus valores subjacentes: atitudes que os alunos devem ter (dimensão atitudinal) [...] e o direito de saber porque está realizando este ou aquele movimento (dimensão conceitual).

Desta forma é questionado aos professores o que eles ensinam em suas aulas? Diante do questionamento o professor M nos revela que seus alunos vivenciam alguns esportes em que tem sua matéria, e é vinculada ao respeito ao próximo, competitividade, cooperatividade. O professor E nos diz que ensina em suas aulas anatomia, ginastica, voleibol, jogos da cultura popular, nutrição, fisiologia do exercício, etc.

Ainda de acordo com os professores eles adotam metodologias de ensino que viabilizam o processo de ensino em suas aulas, onde o professor M mescla as aulas em sala de aula com conteúdo ou jogos sensoriais, com aula no pátio da escola com jogos e brincadeiras. E o professor E, baseia suas aulas no método tecnicista, pois acredito não ser possível trabalhar na abordagem crítico superado pela questão da realidade da escola e dos alunos. Onde realiza uma negociação com a turma a respeito das aulas teóricas e práticas, onde depende da turma o seu desenvolvimento, mas geralmente é uma aula prática e outra teórica.

Diante do acima exposto, pode se dizer que o ensino da educação física deve ser baseada em um objetivo a ser alcançando, dando uma fundamentação teórica e sistematizando o aprendizado, o ensino não deve ser uma mera transmissão de conteúdo, der ser um sentido e significado para a realidade dos alunos e como conteúdo apropriado ele.

De igual modo, o conteúdo deve ser transmitido aos seus educandos de modo sistemático, onde deve ser dotado de uma ampla gana de criatividade e criticidade, dando forma a este percurso. Como é exposto por Libâneo (1991, Coletivo de autores, pg. 39),

... os conteúdos são realidades exteriores ao aluno que devem ser assimilados e não simplesmente reinventados, eles não são fechados e refratários às realidades sociais", pois "não basta que os conteúdos sejam apenas ensinados, ainda que bem ensinados é preciso que se liguem de forma indissociável a sua significação humana e social.

De comum acordo com Libâneo, pode – se dizer que ambos os professores devem rever e reorganizar o processo de ensino dos seus alunos, dando maior sistematização e fundamentação tanto no percurso como no processo de suas aulas, pois diante do exposto, é encontrada na realidade, através da estadia, que o professor M, deixa muito aberto a ação prática no desencadear de suas aulas, onde passa o conteúdo e deixa seus alunos livre para fazer a prática. Entendidos de que este deve ocorrer de modo significativo, onde os conteúdos exposto deve dialogar a realidade dos alunos e da escola, e deve ocorrer a prática do conteúdo, sendo este criativo e não sendo realizado sem explicação da execução deste, e não de outro.

Tendo em vista que o professor E, diz adotar uma abordagem tecnicista como metodologia de ensino, ele entra em contradição ao expor sua realidade ao pesquisador durante a estadia, pois sua execução é muito distinta do que ele expõe, sendo práticas distintas do conteúdo realizado, onde ele desenvolve o conteúdo de anatomia e na aula prática é realizado futebol ou voleibol, e na sua aula prática não ocorre à correção e explicação, simplesmente os alunos são levados para a quadra juntamente com o material que será utilizado e aqueles que querem participar do jogo jogam, os que não querem ficam conversando e andando por entre a quadra.

Ao passo que estes professores não concebem uma ação prática pedagógica acoplada de funcionalidade e qualidade na produção dos conhecimentos sistematizado e ampliado, surge o interesse de conhecer a forma como vem sendo avaliado seus alunos e que instrumento vem sendo utilizados para estes.

Nesta perspectiva é encontrada a utilização de trabalhos em grupos em forma de apresentação, trabalhos individuais, aula de vídeo, participação de gincanas, comportamento e às vezes aplicação de avaliação do conteúdo, como no revela o professor M. Já o professor E, avalia seus alunos de acordo com a turma, podendo ser provas teóricas e práticas.

De acordo com o Coletivo de Autores (1991, pg. 74),

As práticas avaliativas produtivo-criativas e reiterativas buscam imprimir à avaliação uma perspectiva de busca constante da identificação de conflitos no processo ensino-aprendizagem, bem como a superação dos mesmos, através do esforço crítico e criativo letivo dos alunos e as orientações do professor.

Desta forma o processo de avaliação deve ocorrer durante o ensino e aprendizagem, onde o professor o executa de comum acordo com o processo de transmissão do conteúdo, ou seja, ele deve desenvolver suas aulas baseadas e contempladas com o saber que o aluno tem, onde ele deve ampliar dar um trato pedagógico e aprofundando de modo gradativo.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

A organização do trabalho pedagógico dentro da realidade escolar é um âmbito que deve ser entendido e vivenciado pelo docente com democracia e discernimento, visto que este é o processo da garantia de uma educação de qualidade nas aulas de Educação Física e a mudança da mesma.

Nesta perspectiva, o interesse desta pesquisa, como docente de Educação Física, visa compreender e contribuir de alguma forma nesse processo, garantindo a melhoria da organização do trabalho pedagógico em Educação Física no Município de Alexânia – GO.

Sendo assim, na pesquisa foi compreendido que os docentes da disciplina de Educação Física tanto da rede municipal como da rede estadual, devem levar a organização do trabalho pedagógico com mais afinco, visto que apesar de ocorrer à execução deste percurso no planejamento, no PPP na prática não é visto está organização.

Desta forma a organização do trabalho pedagógico dos docentes vem sendo realizada na forma como D' Freitas (1995, pg. 99) diz: “A organização do trabalho pedagógico da escola e da sala de aula é desvinculada da prática, porque desvincula do trabalho material. Portanto, neste contexto, só pode criar uma prática artificial, que não é o trabalho vivo”.

O trabalho pedagógico vem sendo tratado de forma mecânica, onde são cumpridas as políticas educacionais. Visto que, é colocado no papel e não difundido na prática.

A pesquisa nos revela que a realidade da prática do docente de Educação Física está fragilizada na organização do trabalho pedagógico, visto que a uma falta de empenho ou mesmo de interesse a luz da organização deste trabalho docente, aonde vem impedindo que o docente consiga construir um ensino e aprendizagem sistemático, que amplie o horizonte.

Contudo, mesmo sabidos de que existe a prática da organização do trabalho pedagógico e, que está vinculada ao desencadear de um processo coletivo e individual, que ocorre para a sala de aula e para a escola, em um processo em que é desenvolvido através da prática do PPP, do plano de ensino e planejamento, e

que se materializa através da prática, onde os objetivos são postos em prática, de modo a ser realizados por um meio, que se destina ao modo como será desencadeado o conteúdo, visando o objetivo a ser alcançado, como consequência atingir um fim, onde este fim deve ser avaliado durante todo o processo, observando não apenas o progresso do educando mas os meios que vem sendo utilizados para determinado fim, deve refletir o docente a cerca deste processo, pensando ele o que deve ser alterado para determinada finalidade.

É compreendido que falta esta ação do docente da rede municipal e estadual de ensino, seja na forma como vem se materializando o conteúdo na prática, ou mesmo da própria organização pedagógica, desprovida de significação na ação, onde não se tem um sentido sistemático a cerca do processo, visto que o conteúdo é lançado literalmente aos educandos de modo bancário, onde não é ampliado e aprofundado na realidade dos alunos, da escola e da sociedade, tão pouco consegui realizar um dialogado criticamente com seus alunos. Aulas que não condizem com o que eles nos fala, em uma única observação de ambas as aulas do professor M como do professor E, é visto está desordem, onde se tem uma aula teoria com conteúdo transmitido, após este os alunos são direcionados a quadra e é lançada a bola para eles jogar o que quiserem.

A organização do trabalho pedagógico deve ser desenvolvido e produzido de acordo com as necessidades dos alunos, ou seja, deve o professor planejar suas aulas pensando que o conteúdo a ser transmitido aos seus alunos tem que ser adequado as necessidades, bem como deve ele elaborar uma estratégia que traga para os alunos não só o conhecimento específico, mas valores sociais, culturais e não esquecendo de trabalhar as problemáticas que ronda as escolas, como sexualidade, brigas, entre outros. De modo que teoria e pratica dialogam e se complementam, não o contrario.

Diante do exposto, é compreendido que assim como foi relatado acima, o docente deve refletir também a cerca do seu trabalho, a forma como vem organizando e desenvolvendo, devendo ele refletir criticamente a ação durante todo o processo, de modo que busque saber se suas ações vêm atingindo ao objetivo

que desejo alcançar, Se não estiver deve buscar meios e, soluções para tentar atingir, este processo deve ser contínuo.

É encontrado durante o processo de investigação que os docentes dizem desenvolver suas aulas de “acordo com o que a escola proporciona” a eles, ou seja por meio do “eixo curricular”, como consequência, pode-se dizer que o professor não deve se limitar a este, mas usar destas limitações meios de sustentarem e sistematizar o processo de ensino dos alunos, criar e recriar. Assim, como devem buscar meios que instigam a participação dos alunos, já que é encontrada uma grande evasão nas aulas práticas de Educação Física, principalmente nas aulas do professor E, onde alguma turma em outra hora meia dúzia de educandos não se interessam pelas aulas na quadra, em alguns casos podem até participar todos os alunos, mas sendo este momento na reta final do bimestre, com obtenção de atingir media para passar de série.

A realidade da Educação Física nas escolas públicas do município de Alexânia esta complicada, necessita de uma grande mudança no quadro atual, pois tem falhado em todos os quesitos existentes, organização, planejamento, pratica, na estrutura e sobretudo na qualidade de ensino.

Considera-se que por mais que os docentes encontram no percurso de sua jornada de trabalho, condições precárias como foi relato e observado, devem sustentar uma organização do trabalho pedagógico com condições necessárias de desenvolver aulas com uma fundamentação teoria, planejadas, dando a condição dos alunos vivenciarem, aprender e, aprofundar o conhecimento, é direito deles e dever dos professores proporcionar estes momentos.

O caráter importante da conquista desta pesquisa reside em não apenas relatar as problemáticas encontradas no decorrer dos estudos e da investigação, mas tentar uma possível transformação, onde é compreendido que a uma necessidade muito grande do docente repensar a organização do trabalho pedagógico em Educação Física, visto que ele é o principal agente desta transformação. Sendo ele o centro desta mudança, pode-se dizer que os docentes devem fazer um trabalho de reflexão – ação – reflexão, onde deve buscar pensar a sua aula e o processo de transmissão e assimilação do conteúdo, de modo, a saber, quem são esses que estarão o recebendo? O que ele sabe? Qual melhor método a

ser desenvolvido? Esse método foi adequado? Se não, o que posso mudar para conseguir ampliar o conhecimento dos alunos.

O trabalho pedagógico deve estar em constante reflexão, o professor M deve repensar a forma como vem sendo desenvolvidas suas aulas, ele tem grande capacidade de transformar suas aulas, pois ele tem domínio de turma e do conteúdo, uma experiência na área educacional, sobretudo precisa querer fazer a diferença. Já o professor E, não tem tanta experiência, mas necessita desenvolver uma estratégia que chame a atenção dos seus alunos, devendo ele repensar a organização do trabalho pedagógico, buscando meio que melhor sustente e fundamente suas aulas, visto que ele tem domínio do conteúdo, mas não tem tanto domínio na turma ainda.

No entanto, é compreendido que falta maior valorização do total, em relação à disciplina de Educação Física, visto que faltam condições estruturais, materiais e de reconhecimento do trabalho do professor. Mas devem eles buscar mudar esta visão, e para isso deve pensar justamente e coletivamente a organização do trabalho pedagógico.

Contudo, este estudo não encerra, busca instigar o professor a repensar e dar continuidade a este estudo, propositalmente é provocado a repensar e recriar a prática, dentro de uma organização do trabalho pedagógico crítica e reflexiva, na condição de uma transformação qualitativa e concreta nas aulas de Educação Física no município de Alexânia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBANTI, Valdir. **O que é Educação Física. Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto – USP - 2008.** Disponível em: <http://www.eferp.usp.br/paginas/docentes/Valdir/O%20que%20e%20Educacao%20Fisica.pdf>. Acessado em: 19/09/2013.

BERNADINHO. **Comunidade Colheita.** Nova Iguaçu – RJ. Disponível em: http://www.comunidadecolheita.com.br/teste/index.php?option=com_content&view=article&id=100:frases-e-pensamentos-de-bernardino&catid=38:cgestudos&Itemid=41
Acesso em: 27/11/2013.

BOREL, Fabíola. *et al.* **Educação Física, Ser Professor e Profissão Docente em Questão.** Pensar a Prática, 2008.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.** Santa Catarina – SC, v.2, n.1, 2005. Disponível em: www.emtese.ufsc.br. Acesso em: 17/11/2013.

CAPARROZ, Francisco. **Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola.** Campinas-SP, Editora Autores Associados, 3ª Edição, 1997.

CERCHII, José. **O Planejamento do Trabalho Pedagógico: Algumas Indagações e Tentativas de Respostas.** São Paulo - SP, Série Idéias n. 8. 1998. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p044-053_c.pdf Acesso em: 14/11/2013.

Coletivo de Autores. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1991.

DUARTE, Newton. **O Debate Contemporâneo das Teorias Pedagógicas**. Araraquara, 2007.

D' FREITAS, Luiz C. **Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática**. Campinas – SP: Papyrus, 1995.

D' MOURA, Márcio.; FACHETTI, Alexandre. **Educação Física. Fundamentos para intervenção do profissional provisionado**. Brasília, CREF 7 - Brasília, 2007.

Disponível em:

<http://www.cref7.org.br/Topicos/Publicacoes/PIPEF%20EAD%20CREF7.pdf>

acessado em: 18/09/2013.

D' SILVA, Rubia; HORNBERG, Nice. **Teorias Sobre Currículo: Uma análise para compreensão e mudança**. Revista técnico-científica do ICPG, v. 2, n.10. 2007.

FERREIRA, Dinalba. **A Educação Física no Brasil: com uma visão transformadora na educação básica, transpirando menos e pensando mais**.

Bélem, Lato & Sensu, v.2, n.3, p. 30 – 33, Julho 2001. Disponível em:

http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/52.pdf.

Acessado em: 18/06/2013.

Ferreira, Wanderson. **A Prática pedagógica da Educação Física no contexto escolar: um estudo de caso.** Revista de Pedagogia, Goiânia, v. 3, n.6 – Especial sobre formação de professores, 2001.

FIRME, Leopoldo. *et. al.* **Professor de Educação Física e a Formação Contínua em Vila Velha - ES.** Vila Velha – ES. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/205.pdf> Acesso em: 19/10/2013.

GANDIN, Danilo. **A Posição do Planejamento Participativo entre as Ferramentas de Intervenção na Realidade.** Porto Alegre, v.1,n.1, 2001.

HUMBERTO, Gabriel. **Planejamento Coletivo do Trabalho Pedagógico da Educação Física – PCTP/EF Como Sistemática de Formação Continuada de Professores: A Experiência de Uberlândia.** Uberlândia, Revista movimento v.10, 2004. Disponível em: www.faefi.ufu.br/nepecc/arquivos/art_pctp.pdf Acesso em: 14/11/2013.

LIBÂNEO, José C. **As Teorias Pedagógicas Modernas Revisitadas pelo Debate Contemporâneo na Educação.** São Paulo – SP, 2005.

MAIA, Ana Cláudia.; MAIA, Aracy Nayara. **Educação Física escolar: realidade e perspectivas.** Monte Claro – MG, IV Fórum de Desenvolvimento Regional. Compromisso da Universidade. Universidade Estadual de Montes Claros – Minas Gerais, 2010. Disponível em: <http://www.fepeg.unimontes.br/index.php/eventos/forum2010/paper/view/635/461>. Acessado em: 15/09/2013.

MARINHO, Vitor. **O que é Educação Física.** São Paulo, Editora Brasiliense, 11ª edição, 1994.

MAURÍCIO, Robert; D' OLIVEIRA, Carmen. **Formação Continuada de Professores de Educação Física Escolar: da Necessidade às Possibilidades.** Piauí, 2009.

Disponível em:

http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.2/22_Robert%20Maur%C3%ADcio%20de%20Oliveira%20Ara%C3%BAjo%20e%20Carmen%20L%C3%BAcia%20de%20Oliveir.pdf. Acessado em: 19/10/2013.

MIGUEL, Lenir. **Os Militares, o Populismo e suas Influencias na Educação Física no Goiás.** Goiânia, 1992.

NICOLA, Tiago.; MOURA, Henrique.; DARIDO, Suraya C. **Educação Física Escolar: conhecimentos necessários para a prática pedagógica.** Maringá, v. 17, n. 2, p. 203-209, 2. sem. 2006.

NOGUEIRA, Nivaldo A. **Pesquisa como princípio Educativo e de Formação Docente.** Goiânia –GO, Licenciatura em Educação Física, 2011.

PASSOS, Ilma. **Projeto Político-Pedagógico da Escola: uma construção possível.** Campinas, 14º edição Papirus, 2002.

PEREIRA, José. **Perspectivas da Educação Física Escolar: reflexão sobre a Educação Física como componente curricular.** São Paulo – SP, Revista brasileira de Educação Física e Esportes, v.20, n.5, setembro 2006. Disponível em:

http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/53_Anais_p188.pdf. Acessado em: 10/08/2013.

PÉRSIO, Nestor. **ESPORTE. Esporte Escolar e Competição. Sentidos, ações e contradições.** Goiânia – Editora da UCG - 2007.

RODBARD, Thaisa; KOGUT, Maria C. **A Importância da Formação Continuada do Professor de Educação Física e a Influência na Prática Pedagógica.** In: IX Congresso Nacional de Educação III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 2009, Curitiba, Anais... Curitiba PUCPR, 2009, v.3, pg.4944 – 4952. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3000_1750.pdf
Acessado em: 19/10/2013.

RODRIGUES, Cae.; D’FREITAS, Denise de. **Educação física e educação infantil: uma reflexão teórica.** São Paulo, 2008. Disponível em: http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/12/artigo_01.pdf
acessado em 19/09/2013.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política.** Campinas - SP, Autores Associados, 32º ed. 1999.

SOUZA, Marcílio J. **A Prática Pedagógica da Educação Física nos Tempos e Espaços Sociais.** Caxambu – PE, 2001.

TADEU, Tomaz. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte, Autêntica, 3º ed, 2010.

Vilodre, Silvana. *et al.* **Pesquisa Qualitativa na Educação Física Brasileira: Marco Teórico Modos de Usar.** Maringá: Reveducfis, 2010.

Yin, Robert. **Estudo de Caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre, Bookman, 2001.

ANEXO 1



Projeto de Pesquisa: A organização do trabalho pedagógico em Educação Física: um olhar panorâmico pelos rincões goianos a partir das cidades-polo da EAD da FEF/UFG.

Prof. Coordenador da Pesquisa: Sérgio de Almeida Moura

Roteiro de Entrevista Semi-Estruturado aos Professores de Educação Física

Sexo: () masculino () feminino Idade: _____

Formação superior: _____ Ano de conclusão: _____

Especialização: _____ Ano de conclusão: _____

Caracterização do trabalho docente:

- 1) Há quanto tempo você ministra a disciplina Educação Física?**
- 2) Você trabalha em quantas escolas ou turnos?**
- 3) Para você, o que é educação física e o que ela deve ensinar?**
- 4) Você adota alguma metodologia de ensino para as suas aulas? Se sim, qual? Se não, porque não?**

Sobre o planejamento pedagógico das aulas:

- 5) Suas aulas são planejadas? Se sim, de que maneira? Se não, porque não?**
- 6) Na escola onde você trabalha há a prática de planejamento coletivo? Descreva.**
- 7) Você acredita que o planejamento melhora a organização do trabalho pedagógico?**

8) Existe a oferta de cursos ou oficinas pedagógicas pela secretaria de educação para melhoria da capacitação do trabalho docente?

9) E você busca uma formação continuada fora da escola ou secretaria?

Sobre as aulas de educação física:

10) Quais recursos didáticos e materiais pedagógicos você utiliza para suas aulas?

11) O que você ensina em suas aulas de educação física?

12) Qual é o principal objetivo das aulas de educação física na sua escola?

13) Existe algum objetivo do PPP que é presente nas aulas de educação física?

14) Como acontece a avaliação da educação física e quais instrumentos são usados?

15) Existe alguma crítica que você queria fazer, tendo em vista a melhoria da educação física na escola?

16) Qual ou quais as suas sugestões para a melhoria das aulas de educação física?